

**GUILHERME AMORIM CORRÊA LOUREIRO DE SOUZA**

# **A TELEVISÃO NA WEB**

Análise comparativa dos modelos de reprodução e experimentação no *Jornal do Terra* e no *Jornal Interativo da allTV*

**Belo Horizonte**

**2005**

**GUILHERME AMORIM CORRÊA LOUREIRO DE SOUZA**

# **A TELEVISÃO NA WEB**

Análise comparativa dos modelos de reprodução e experimentação no *Jornal do Terra* e no *Jornal Interativo da allTV*

Monografia apresentada ao curso de Comunicação Social, do Departamento de Ciências da Comunicação, do Centro Universitário de Belo Horizonte – UNI-BH, como requisito parcial para obtenção de título de bacharel em Comunicação Social.

Orientador: Maurício Guilherme Silva Júnior

**Belo Horizonte**

**2005**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a

meus pais, Águeda e Lázaro, fontes inesgotáveis de motivação, apoio e respaldo. Um singelo obrigado aos parentes e amigos que suportaram algumas horas de apreensão e estresse, bem como os momentos de entusiasmo exacerbado diante de tantas descobertas sobre as novas tecnologias. Agradecimentos especiais aos professores Luiz Ademir, Murilo Gontijo, Lorena Tárzia e “Mestre Maurício”, pelo apoio, disponibilidade, pelas dicas e, sobretudo, pela presença marcante e indispensável ao longo das etapas de “gestação” desta pesquisa.

“Inventar novas estruturas discursivas, descobrir as retóricas ainda desconhecidas do esquema dinâmico, do texto da geometria variável e da imagem animada, conceber ideografias nas quais as cores, o som e o movimento irão se associar para significar, estas são as tarefas que esperam os autores e editores do próximo século”.

(Pierre Lévy, em *As tecnologias da inteligência - O Futuro do Pensamento na Era da Informática*)

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	6
<b>1. OS DILEMAS DAS TECNOLOGIAS EMERGENTES</b> .....	12
<b>1.1. Antecedentes históricos</b> .....	12
<b>1.2. Tecnologia como avanço para o conhecimento humano</b> .....	14
<b>1.3. O outro lado das inovações tecnológicas</b> .....	21
<b>2. TV E INTERNET: REFERÊNCIAS E MODELOS</b> .....	26
<b>2.1. O advento da televisão</b> .....	26
2.1.1. Os padrões da televisão e suas especificidades .....	28
2.1.2. A perspectiva interativa: uma tendência? .....	31
<b>2.2. O advento da Internet</b> .....	33
2.2.1. A Internet e os novos recursos .....	33
<b>2.3. A TV chega à Internet</b> .....	34
2.3.1. A convergência <i>TV-Web</i> .....	35
2.3.1.1. <i>A Banda Larga</i> .....	39
2.3.2. <i>TV on-line</i> e <i>WebTV</i> : distinções .....	40
2.3.3. Reprodução X experimentação .....	41
<b>3. A TELEVISÃO NA INTERNET</b> .....	45
<b>3.1. Metodologia</b> .....	45
<b>3.2. <i>TV Terra</i>: pioneirismo na web</b> .....	46
<b>3.3. <i>allTV</i>: a primeira <i>WebTV</i> do Brasil</b> .....	48
<b>3.4. <i>Jornal do Terra</i>: à Internet o que é da TV?</b> .....	49
3.4.1. Percurso técnico: o “antes” da transmissão .....	50
3.4.2. Primeiras impressões: TV na Internet .....	51
3.4.3. Estilo e padrão de apresentação: o <i>Jornal do Terra</i> como veio ao público .....	52
3.4.3.1. Participação de repórteres e exploração de recursos .....	53
3.4.4. Interatividade .....	56
3.4.5. “Ruídos” .....	58
<b>3.5. <i>Jornal Interativo</i>: um novo modelo?</b> .....	59
3.5.1. Percurso técnico: o “antes” da transmissão .....	59
3.5.2. Primeiras impressões: fatos narrados e sem imagens? .....	60
3.5.3. Estilo e padrão de apresentação: narração contínua e opinião vasta.....	61
3.5.3.1. Participação de repórteres e exploração de recursos .....	64
3.5.4. Interatividade .....	65
3.5.5. “Ruídos” .....	67
<b>3.6. Análise comparativa</b> .....	70

<b>CONCLUSÃO</b> .....	73
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	77
<b>ANEXOS</b> .....	80

## INTRODUÇÃO

O programa *Jornal do Terra*, exibido pela *TV Terra*, tem início. Ao longo da seqüência de meia hora de programa, a apresentadora anuncia o convidado e, com ele, conduz uma entrevista tal como é feita em televisão: perguntas e respostas rápidas. A seguir, a matéria sobre o atentado de 11 de setembro não foge à estrutura tradicional: cabeça, *off* da repórter, sonora, imagens de arquivo, nota pé<sup>1</sup>. De fato, o espectador assiste a um programa de televisão. Uma organização precisa, mas que difere, porém, em um único detalhe: o programa foi produzido para uma televisão exibida na Internet.

Em outro exemplo, um programa também de conteúdo jornalístico: o *Jornal Interativo*, veiculado pela *allTV*, emissora de televisão voltada exclusivamente para a Internet. O programa tem início e os apresentadores fazem saudações aos espectadores e também aos participantes do *chat*. A narração dos principais destaques informativos do dia deixa espaço para um combinado de seriedade, descontração e opinião. Mas o diferencial do informativo está justamente no espaço aberto à interação com o espectador que, através do *chat*, debate o assunto com os apresentadores e forma um jornal que explora recursos multimidiáticos<sup>2</sup>.

Esses são dois produtos informativos disponibilizados, atualmente, na *web*. Trata-se de dois “objetos” distintos que, diante das novas perspectivas tecnológicas e das novas possibilidades de trabalhar imagens e conteúdos, apresentam-se como resultado da produção

---

<sup>1</sup> Essa é uma estrutura comum às matérias produzidas para o telejornalismo. A “cabeça” é o texto que o apresentador do programa lê, de forma a introduzir o tema a ser exposto na matéria. “Off” são as passagens de texto que são cobertas por imagens, com referência ao assunto. “Passagem” diz respeito ao momento em que o repórter surge na tela e divulga uma informação. “Imagens de arquivo” são aquelas imagens antigas disponíveis e guardadas pela emissora sobre antigos fatos, matérias, reportagens. E, por fim, a “nota pé”, que diz respeito ao texto de encerramento, com uma informação adicional, lido pelo apresentador. Nem sempre a “nota pé” é utilizada, podendo a matéria terminar sem esse recurso.

<sup>2</sup> O termo “multimídia” pode ser compreendido, segundo as considerações de Antonio Brasil (2002), em “Telejornalismo On-line em Debate”, como uma linguagem que abarca todas as mídias, isto é, televisão, rádio, Internet, etc. Assim, ao manifestar interesse em trabalhar “recursos multimidiáticos”, os responsáveis por programas de televisão feitos para a Internet estariam, enfim, atentos para buscar e/ou trabalhar todas as possibilidades e recursos. Através disso, seria possível conciliá-las e formar o “diálogo das mídias”.

de telejornais em terreno ainda pouco explorado: a televisão na Internet.

Em 1950, no Brasil, a televisão surgia como inovação tecnológica que, além do áudio, trazia como diferencial a imagem. A novidade chegou, por alguns anos, a preocupar especialistas, que viam, com o advento da TV, o iminente fim do rádio. No entanto, as transmissões radiofônicas não acabaram, e o que se viu foi a dificuldade de trabalhar o meio televisivo de acordo com as novas possibilidades oferecidas. Ou seja, a televisão surgia e, com ela, a necessidade de nova linguagem, nova programação e novo modelo para veiculação e criação de conteúdos. Necessidade que, despercebida, pelo menos de início, cedeu lugar a modelos e experiências já conhecidos.

O resultado foi o que o diretor de cinema e televisão, Pedro Paulo Carneiro (2002), rememorou acerca do início da TV: transportava-se o formato do rádio para a televisão<sup>3</sup>. Posteriormente, contudo, após experimentações, percebeu-se que rádio e TV representavam linguagens diferentes e deveriam ser utilizados conforme suas especificidades.

Com o advento da Internet, sobretudo no que diz respeito à inserção da televisão na *web*, a história é parecida: há um novo caminho, novas formas de trabalhar conteúdos e imagens e, tal como aconteceu com a antiga televisão, não existem suportes e referências orientadores, isto é, esse novo campo, conforme considera o diretor de pesquisas do *J. Watson Research Center* da IBM, Benoit Mandelbrot (1993), leva cada um de nós a se confrontar com problemas que não encontram soluções em antigas experiências<sup>4</sup>.

Com base nisso, a proposta de nossa pesquisa é desenvolver análise comparativa entre a *TV Terra* e a emissora *allTV*. Nelas, verificaremos a maneira como vem sendo produzida a televisão na *web*, tendo como referência programas jornalísticos veiculados nas duas

---

<sup>3</sup> CARNEIRO, Pedro Paulo. *Geração Digital*. In: BRASIL, Antonio, ARNT, Hérís (orgs.). *Telejornalismo online em debate*. Rio de Janeiro: E-papers, 2002, p. 28.

<sup>4</sup> BENOIT, Mandelbrot. *Fractais: uma forma de arte a bem da ciência*. In: PARENTE, André (org.). *Imagem-Máquina – A era das tecnologias do virtual*. Rio de Janeiro: editora 34, 1993, p. 203. Vale ressaltar que o autor chega a caracterizar as experiências passadas como “referências dogmáticas”.

emissoras. Pretende-se, ainda, responder se há, realmente, reprodução na Internet dos modelos já conhecidos de TV, e, ainda, se as emissoras procuram ampliar a interatividade, tal como a nova tecnologia permite. A fim de responder tais questionamentos e angariar base teórica para a análise pretendida, propôs-se, em três capítulos, a fundamentação em torno dos dilemas das tecnologias emergentes e as experiências ligadas à Internet.

No primeiro capítulo, *Os dilemas das tecnologias emergentes*, o referido estudo concentra-se na apresentação de posicionamentos de teóricos quanto às possibilidades e conseqüências das tecnologias do virtual.

De um lado, autores como Pierre Lévy (1993) e Castells (1999) observam as tecnologias emergentes como importantes avanços para o conhecimento humano, permitindo, por exemplo, acesso mais democrático aos conteúdos dos produtos informativos e novas dimensões de interatividade entre os participantes do processo. Ou seja, os espectadores tornam-se, ao mesmo tempo, consumidores e produtores da informação, o que contribuiria para o fortalecimento da idéia de tecnodemocracia<sup>5</sup>.

De outro, autores como André Parente (1993) não deixam de considerar a necessidade de reflexão mais ampla sobre as novas tecnologias, visto que elas podem nos conduzir “ao tempo em que não haverá mais espaço real, mas apenas espaços virtuais”. Ou seja, estas, mesmo pretendendo ampliar dimensões comunicacionais, podem ser responsáveis por reduzir, através das interfaces comunicativas, os processos de comunicação à “reversibilidade do mesmo ao mesmo, confiscando a alteridade do outro” (PARENTE, 1993, p.24). A comunicação, então, estaria perdida na hibridação homem-máquina e a sociedade pós-moderna transformada em mero mundo robotizado.

É importante ressaltar que, em meio a essa discussão, os recursos multimidiáticos surgem como poderosos mecanismos para integração de imagens e conteúdos diversos. Com

---

<sup>5</sup> O termo “tecnodemocracia” é utilizado por Pierre Lévy (1993) de forma a caracterizar a evolução do aparato tecnológico como caminho democrático, dentro do propósito de ampliar o acesso à informação pelos espectadores.

relação ao tratamento de produtos informativos, tais recursos permitem alcance cada vez maior do propósito comunicativo, uma vez que, segundo a jornalista Cora Rónai (2002), a “interatividade dessas mídias e a escolha de como contar uma história são totalmente abertas a todas as possibilidades de comunicação”. (RÓNAI, 2002, p.56)

Frente ao poder dos recursos de multimídia e ao advento da *web*, o jornalismo encontra-se diante de uma bifurcação: de um lado, o caminho já conhecido e trilhado, os conhecimentos agregados com as experiências em rádio, TV e jornalismo impresso; de outro, um novo caminho, sem qualquer referência e experiências-base, que necessita de criatividade, de soluções alternativas e de uma busca cujo objetivo é aproveitar os vários recursos disponíveis dentro desta dimensão comunicativa. Enfim, um trajeto que convida o profissional a tentar, de acordo com Ferraz de Abreu e Branco (s.d.), “encontrar a forma correta de integrar convenientemente estes elementos”<sup>6</sup>. (FERRAZ DE ABREU, BRANCO, s.d., p.3)

Com a chegada da Internet, os jornais impressos viram a possibilidade e também a necessidade de estenderem seu alcance ao campo virtual. Afinal, tratava-se de um novo espaço, com público diferenciado e que, de alguma forma, poderia aumentar o alcance do produto informativo. No entanto, as primeiras iniciativas das empresas jornalísticas, como, por exemplo, a do *Jornal do Brasil*, primeiro veículo a ter um site de notícias no país, atentaram tão-somente para assegurar presença na Internet: o espaço virtual era ambiente apenas para reprodução do texto já veiculado na versão impressa.

A experiência, nesse sentido, mostrou aos jornalistas e empresas que, ao contrário do que se imaginava, o público leitor das versões impressas não era o mesmo que acessava os conteúdos virtuais. Além disso, o próprio ambiente virtual apresenta textos e conteúdos de forma distinta, o que demanda diagramação e produção diferentes do que então se conhecia. Atualmente, embora com equipes enxutas, os portais reconhecem a necessidade de produzir

---

<sup>6</sup> <http://www.bocc.ubi.pt/pag/abreu-ferraz-convergencia-TV-Web.pdf> - acesso em 21/2/2005 às 10h32.

matérias estruturadas dentro desse formato<sup>7</sup>. É o caso, por exemplo, da *Folha Online*<sup>8</sup>, que trabalha recursos como o hipertexto e organiza seus textos de maneira a tornar a leitura fácil e o acesso dinâmico.

A discussão sobre a possibilidade de se oferecer uma televisão na *web*, bem como as dúvidas e experiências para tal são abordadas no segundo capítulo desta monografia, *TV e Internet: referências e modelos*. Nesse momento, o estudo concentra-se nas questões técnicas e representativas dos novos modelos inseridos no contexto *on-line* e a convergência *TV-Web* em si.

As primeiras tentativas de produção para a TV do ambiente virtual, mesmo diante desse espaço – a *web* –, não começaram por caminhos diferentes daqueles que marcaram o advento da televisão frente ao modelo já estabelecido pelo rádio. A criação de um diferente campo para veiculação de informações fez com que as empresas percebessem a necessidade de preenchê-lo. No entanto, ao contrário de buscarem outras alternativas, tal como o campo permite, as empresas, sem encontrar referência em experiências anteriores, acabaram por reproduzir, no ambiente virtual, os modelos já estabelecidos de produção televisiva.

De acordo com Carneiro (2002), são exemplos dessa tendência em copiar, para dentro do ambiente virtual, os modelos já conhecidos da televisão, a *TV UOL* e a *TV Terra*, sites nos quais os programas oferecidos têm “cerca de uma hora, com a mesma formatação de direção, de linguagens de câmera, de cenários e conteúdos idênticos aos da televisão”. (CARNEIRO, 2002, p.28)

Autores como o jornalista e professor de telejornalismo da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), Antonio Brasil (2002), acreditam que a produção televisiva para *web* deve seguir caminho diferenciado, visto que “buscamos na Internet uma interatividade e uma

---

<sup>7</sup> Na Internet, os portais de notícias valem-se de recursos como o hipertexto, além de apresentar as informações de forma mais objetiva, frases curtas e texto conciso.

<sup>8</sup> <http://www.folhaonline.com.br>

participação do público que jamais encontramos na velha TV”. (BRASIL, 2002, p.10) Nesse sentido, a produção para a televisão na *web* estaria, conforme as considerações da jornalista Pollyana Ferrari (2003), inserida num novo contexto, que pede e merece um novo olhar.

O terceiro capítulo, *A televisão na Internet*, reúne, além da análise comparativa, o percurso de nossa observação. Além dos aspectos metodológicos, evidenciados nesse momento, a pesquisa também apresenta breve histórico das emissoras. Adiante, os tópicos “3.4. *Jornal do Terra: à Internet o que é da TV?*” e “3.5. *Jornal Interativo: um novo modelo?*” mostram seqüência de informações colhida durante a observação dos telejornais, o que no referido estudo, serve de base para a conclusão da análise comparativa pretendida.

Esperamos, a partir dos eixos *Os dilemas das tecnologias emergentes, TV e Internet: referências e modelos* e *Televisão na Internet* esclarecer, ao leitor, como vem sendo trabalhada a *TV na Internet*, e, além disso, se há, de fato, reprodução de antigos modelos e referências da TV tradicional. Cabe esclarecer, por fim, que o referido estudo das TVs do ambiente virtual pretende, com base teórica e com olhos de pesquisador, identificar o que chega ao telespectador virtual e de que forma tais programas jornalísticos organizam-se para atender ao propósito comunicativo.

# 1. OS DILEMAS DAS TECNOLOGIAS EMERGENTES

## 1.1. Antecedentes históricos

Em 1950, no Brasil, a televisão despontava como inovação tecnológica que, além do áudio, trazia, como já dito na *Introdução*, o diferencial da imagem. Por sua vez, a Internet nasceu, no início dos anos 60, fruto de projeto militar norte-americano que funcionava como rede de transmissão eletrônica de informações. A invenção passou a ser trabalhada em institutos de pesquisa e universidades. A atenção dada à rede pelos pesquisadores, no início do percurso tecnológico, conferiu à Internet um perfil mais acadêmico<sup>9</sup>.

Somente no começo da década de 1990 é que o governo dos Estados Unidos, atento à possibilidade de explorar comercialmente a rede, optou por investir em sistemas de alta velocidade e oferecer melhores condições de tráfego de dados. No Brasil, a Internet deixou de ser restrita às universidades e instituições de pesquisa apenas em 1995, quando o governo brasileiro buscou ampliar o alcance da rede<sup>10</sup>.

Tal como houve com a televisão, os computadores e a Internet acabaram – ou mesmo acabam, já que até hoje não se tem, com precisão, regras sobre todas as suas possibilidades – passando pelo mesmo processo de apoio nas experiências precedentes. Desde 1995, muito se evoluiu, das plataformas de navegação à integração das mídias que, uma a uma, foram sendo aprimoradas e disponibilizadas no novo aparato tecnológico<sup>11</sup>. No entanto, o diferencial não estava somente em um único recurso, como no caso das imagens televisivas. Desta vez, a inovação tecnológica trazia a possibilidade de trabalhar, num único veículo, todas as mídias

---

<sup>9</sup> <http://www.dcc.ufmg.br/~mlbc/cursos/internet/historia/#Introducao> – acesso em 13/3/2005 às 11h42.

<sup>10</sup> <http://www.dcc.ufmg.br/~mlbc/cursos/internet/historia/Brasil.html> - acesso em 13/3/2005 às 14h31.

<sup>11</sup> A primeira *WebTV*, no Brasil, a *allTV*, surgiu apenas em 2002.

anteriormente experimentadas. Ou seja, som, imagem e texto poderiam integrar-se, a partir dos recursos *multimídia*<sup>12</sup>, devido à ampliação tecnológica e a substituição da tecnologia analógica pela digital.

Assim como a chegada da televisão preocupou especialistas, que previam o fim do rádio, a consolidação da Internet como meio de comunicação ainda esbarra numa questão polêmica. Justamente por ser um campo ainda recente, impreciso e sem referências anteriores que determinem rumos ideais para sua utilização, a *web*, embora abarque um “arsenal” de inovações e ampliações de alcance - seja dos produtos informativos, seja da participação do público -, também abre brechas para considerações críticas quanto a seu uso, a seus efeitos e conseqüências, uma vez que se trata, exatamente, de uma das tecnologias emergentes bastante discutidas e debatidas por teóricos e especialistas.

De um lado, autores como Pierre Lévy (1993) e Manuel Castells (1999) argumentam que as novas tecnologias representam avanços de fundamental importância ao conhecimento humano, por possibilitarem acesso mais democrático aos conteúdos e produtos informativos, ou por ampliarem e gerarem novas dimensões de interatividade entre os participantes do processo. Sob outra perspectiva, autores como André Parente (1993) e Paul Virilio (1993) são cautelosos e não deixam de exigir maior reflexão a respeito de tais tecnologias, muito embora não deixem de reconhecê-las como avanços.

Com o objetivo de angariar base teórica para fundamentar a discussão e a análise da chamada *WebTV*, os tópicos subseqüentes apresentam posicionamentos teóricos de especialistas que promovem leitura crítica das novas tecnologias.

---

<sup>12</sup> Para o sociólogo espanhol Manuel Castells, o termo *multimídia* pode ser entendido como “o novo sistema caracterizado pela integração de diferentes veículos e seu potencial interativo” (CASTELLS, 1999, p. 387).

## 1.2. Tecnologia como avanço para o conhecimento humano

Os avanços da tecnologia cuidaram de trazer outras possibilidades cognitivas ao homem, sobretudo com a chegada da informática, que reconfigurou as noções de tempo e espaço. Tais possibilidades apresentaram à humanidade transformações sociais expressivas, ligadas à técnica e à extensão do conhecimento humano. Essa perspectiva é comum a dois especialistas do assunto: o filósofo francês Pierre Lévy (1993) e o sociólogo espanhol Manuel Castells (1999).

Lévy é reconhecido, por teóricos e estudiosos, como defensor das novas tecnologias. Entre as principais considerações do filósofo francês acerca das novas tecnologias está a constatação de um avanço considerável ao conhecimento humano. Dessa forma, Lévy percebe a tecnologia como difusora de idéias e possibilidades de reconstrução do conhecimento, visto que, com o advento da informática, o mundo passa a viver o momento de redistribuição do saber. Os avanços tecnológicos, para o especialista, são responsáveis diretos por propor a transformação do mundo e colaboradores na construção e formação de culturas e inteligências. De acordo com Lévy, alguém que condena a informática

não pensaria nunca em criticar a impressão e menos ainda a escrita. Isto porque a impressão e a escrita (que são técnicas!) o *constituem* em demasia para que ele pense em apontá-las como estrangeiras. Não percebe que sua maneira de pensar, de comunicar-se com seus semelhantes, e mesmo de acreditar em Deus, são condicionadas por processos materiais. (LÉVY, 1993, p.15)

Para o filósofo, a experiência humana pode ser reestruturada pelo computador e, na exploração desse novo campo, a humanidade cria novo estilo, busca novo equilíbrio para as representações e pilares que norteiam e embasam o conhecimento humano em suas particularidades. Lévy acredita que é mesmo possível “que não nos apercebamos da existência de novos estilos de saber, simplesmente porque eles não correspondem aos critérios e a definições que nos constituíram e que herdamos da tradição”. (LÉVY, 1993, p.117)

O sociólogo espanhol Manuel Castells (1999), por sua vez, interpreta os dispositivos tecnológicos como processos – e não simplesmente ferramentas, conforme apontam críticos das novas tecnologias – flexíveis e descentralizados, cujos resultados e experiências são difundidos em todas as esferas da atividade humana. Segundo Castells, o “exagero profético” e a “manipulação ideológica” – que caracterizam a maior parte dos discursos sobre a revolução da tecnologia da informação – não deveriam levar-nos a subestimar a importância fundamental dessas transformações, pois o registro histórico das revoluções tecnológicas

mostra que todas [revoluções tecnológicas] são caracterizadas por sua *penetrabilidade*, ou seja, por sua penetração em todos os domínios da atividade humana, não como fonte exógena de impacto, mas como o tecido em que essa atividade é exercida. (CASTELLS, 1999, p.50)

Dessa forma, observa-se que há o estabelecimento de conexões infinitas entre diferentes domínios, o que é entendido por Castells como forma de ação das novas tecnologias da informação sobre os domínios da atividade humana. Há, sobretudo, ampliação do conhecimento humano. Ou seja, a partir da transformação tecnológica é possível observar alteração e reconfiguração profundas da cultura e das sociedades.

Lévy (1993) procura argumentar que, a partir de uma análise das interfaces e das representações provenientes dos avanços tecnológicos, percebe-se que as inovações vão orientar a comunicação em novo espaço – o virtual –, preparando-a, inclusive, para novas mídias. Assim, para o filósofo, a operação elementar da atividade interpretativa é a

associação; dar sentido a um texto é o mesmo que ligá-lo, conectá-lo a outros textos, e portanto é o mesmo que construir um hipertexto. É sabido que pessoas diferentes irão atribuir sentidos por vezes opostos a uma mensagem idêntica. Isto porque, se por um lado o texto é o mesmo para cada um, por outro o hipertexto pode diferir completamente. O que conta é a rede de relações pela qual a mensagem será capturada, a rede semiótica que o interpretante usará para captá-la. (LÉVY, 1993, p.72)

Diante da idéia de discutir recursos multimídia, novas dimensões oferecidas pelas interfaces criadas pela informática, o filósofo francês acredita que o ambiente virtual – resultado do aparato tecnológico – emerge como fundamental para a evolução do conhecimento humano, visto que as significações nesse novo campo vão configurar novas redes semânticas. No caso de um produto televisivo, por exemplo, o contexto e o espaço virtual serviriam para determinar o sentido e o caminho para a interpretação e recepção do conteúdo pelo observador, que interage conforme as pistas e marcas de significação deixadas, pelo meio e pela linguagem, naquele espaço.

Assim, tal como Lévy (1993) considera, dependerá do meio o formato e estilo da mensagem. Nele, e a partir dele, serão feitas associações, alternando as representações e reorganizando conhecimentos e dados numa espécie de campo para aquisição de informações. O filósofo acredita que, com a constituição da rede digital

e o desdobramento de seus usos tal como imaginamos aqui, televisão, cinema, imprensa escrita, informática e telecomunicações veriam suas fronteiras se dissolverem quase que totalmente, em proveito da circulação, da mestiçagem e da metamorfose das interfaces em um mesmo território cosmopolita. (LÉVY, 1993, p.113)

Para Manuel Castells (1999), além dos novos aparatos e recursos tecnológicos atuarem como amplificadores e contribuir para a extensão da mente humana, as novas tecnologias estão, precisamente, atreladas ao novo paradigma do conhecimento que está, justamente, baseado na tecnologia da informação. Dessa forma, nesse novo modo informacional de desenvolvimento, o que se percebe é uma conciliação entre conhecimento e informação. Segundo o sociólogo, o processo atual molda uma interface de campos tecnológicos, na qual uma linguagem digital comum permite trabalhar a informação de outra maneira, sendo possível criar novos meios e formas de comunicação.

Em meio à discussão dessa nova rede de significados, Lévy (1993) considera que tal interface amplia o contato daqueles que fazem uso das novas tecnologias com um conjunto

muito maior de informações. O filósofo francês não identifica a redução de sentidos e fim das experiências anteriores, mas percebe integração total entre os elementos já trabalhados e experimentados. Comparando a nova interface à de um jornal ou livro, o que se percebe, de acordo com Lévy, é o contato direto entre emissores e receptores de mensagens, com substituição do “sobrevôo pela manipulação”. Ou seja, o utilizador, ao contrário de continuar em estado de passividade – como ocorre com os telespectadores de conteúdos direcionados à TV tradicional –, passaria a ser parte do mecanismo de construção do conhecimento. Desde a última década do século XX, aponta o filósofo,

estamos frente a um canal tão largo que não se tem ainda idéia do tipo de obras, de formas culturais, de agenciamentos de representações que poderiam circular nele, nem sobre os gêneros de interação que deveriam acompanhar estas formas. Quais papéis serão devolvidos às pessoas ou grupos usando a rede? Nós nos contentamos, como na enumeração acima, em projetar uma televisão perfeita, um telefone mais rico, uma telemática “som luz”, etc. Talvez fosse do lado das interfaces que o esforço da imaginação devesse concentrar-se inicialmente. (LÉVY, 1993, p.110)

A fim de mostrar de que maneira o paradigma da tecnologia da informação apresenta-se como processo em formação, que amplia participação e descentraliza o mecanismo de geração de informações, Castells (1999) destaca cinco características fundamentais. Se, por um lado, a informação continua como matéria-prima também no novo paradigma tecnológico, percebe-se que, de outro, nessa nova etapa, tanto a tecnologia age sobre a informação, como também a informação age sobre a tecnologia. Nesse jogo de ação e reação, encontra-se a inovação e a instauração de novas perspectivas e meios de comunicação.

Um exemplo é a criação de uma *WebTV* cujo objetivo é, ao mesmo tempo, moldar os produtos informativos à especificidade tecnológica do meio e utilizar os aparatos tecnológicos como transmissores de conteúdos informativos. É um novo sistema de comunicação que, segundo Castells, fala cada vez mais uma língua universal digital e tanto está promovendo

a integração global da produção e distribuição das palavras, sons e imagens de nossa cultura como personalizando-os ao gosto de identidades e humores dos

indivíduos. As redes interativas de computadores estão crescendo exponencialmente, criando novas formas e canais de comunicação, moldando a vida e, ao mesmo tempo, sendo moldadas por ela. (CASTELLS, 1999, p.22)

Outra característica a ser ressaltada pelo sociólogo é a penetrabilidade dos efeitos das novas tecnologias, ou seja, como essa maneira de trabalhar a informação está ligada aos domínios do conhecimento humano. Os processos e hábitos, coletivos e individuais, passam a ter o modelo tecnológico como referência, embora Castells faça questão de considerar que, com certeza, o novo meio tecnológico, apesar de ser um modelo, não é determinante. Um exemplo – muito simples, mas objetivo – capaz de ilustrar tal penetrabilidade e, ao mesmo tempo, justificar o argumento de que o modelo do novo meio tecnológico não é determinante, é a utilização do correio eletrônico. Hoje, o *e-mail* faz parte da rotina de muitas pessoas, seja no trabalho, seja para fins particulares – o que demonstra como os processos passam a ter o modelo tecnológico como orientador. No entanto, há ainda quem prefira outros métodos de contato – a carta, por exemplo –, renunciando à forma de comunicação por correio eletrônico. Ou seja, tais pessoas não são determinadas pelo novo hábito, muito embora reconheçam-no como tendência.

Além disso, as novas tecnologias trazem uma lógica própria, isto é, soluções e respostas à complexidade de interação e modelos imprevisíveis que possam surgir daí. Em ambiente ainda de experimentação, como se revela a Internet, é importante que exista uma lógica de redes que, conforme Castells (1999), defina, direcione as experiências, cuide de sanar as questões ligadas à imprevisibilidade do meio, sem, no entanto, aniquilar a flexibilidade – quarta característica –, uma vez que é justamente essa a garantia de que inovações poderão surgir. Para o sociólogo, o que caracteriza a atual revolução

não é a centralidade de conhecimentos e informação, mas a aplicação desses conhecimentos e dessa formação para a geração de conhecimentos e de dispositivos de processamento/comunicação da informação, em um ciclo de realimentação cumulativo entre a inovação e seu uso. (CASTELLS, 1999, p.50-51)

Por fim, o autor aponta, como quinta característica, a convergência de tecnologias para um sistema integrado de revolução tecnológica. Ou seja, essas novas tecnologias trazem, com os computadores e as novas mídias, a possibilidade de unir experiências tecnológicas antigas – televisão, rádio – em produto mais completo, munido de todos os recursos multimidiáticos disponíveis. Dessa complementação, resulta a lógica compartilhada de gerar informações mais precisas e abrangentes. Para Castells, está ocorrendo

a integração de vários modos de comunicação em uma rede interativa. Ou, em outras palavras, a formação de um Supertexto e uma Metalinguagem que, pela primeira vez na história, integra no mesmo sistema as modalidades escrita, oral e audiovisual da comunicação humana. (CASTELLS, 1999, p.354)

Considerando-se que Lévy (1993) entende essa integração permitida pela digitalização como forma de antigos problemas (composição, organização e apresentação) libertarem-se de seus substratos, nota-se que há percepção parecida, por parte de Lévy e do sociólogo espanhol, quanto à necessidade de um olhar diferenciado para as inovações tecnológicas. Ainda a esse respeito, Castells aponta que a conciliação de som, imagens e dados, pela tecnologia digital, permitiu a criação de uma rede que reúne enorme diversidade de símbolos. Porém, desta vez, destituída de qualquer forma de controle. Dessa forma, Castells (1999) percebe a formação de uma linguagem digital universal que dá condições para que a comunicação seja, de fato, horizontal, com participação de todos.

Ao falar dessa aproximação entre produtores e consumidores dos produtos criados a partir das novas tecnologias, Lévy chama a atenção para a questão da interatividade, que se amplifica com a chegada dos computadores. No caso de uma televisão produzida para o ambiente virtual, torna-se possível a participação direta do espectador, uma vez que ele pode enviar *e-mails*, ou conversar com os apresentadores através de um *chat*, em tempo real. Ao contrário da antiga experiência da televisão, na qual a interatividade esbarra na limitação da tela e se resume a participações via telefone – que nem sempre vão ao ar –, a *web* traz a

possibilidade de contato direto entre espectadores e apresentadores, num diálogo que constrói, desconstrói e reconstrói o produto informativo. Para ilustrar esse exemplo, é interessante apresentar a consideração de Castells a respeito da participação dos espectadores, sobretudo ligada à experiência televisiva: “A televisão precisou do computador para se libertar da tela (...) Só então, a audiência pôde se manifestar”. (CASTELLS, 1999, p.366)

As dimensões da virtualidade e a chegada das novas tecnologias propõem mudanças significativas na organização e estruturação do tempo e do espaço nas sociedades. Para Pierre Lévy (1993), a informação *on-line* organiza-se, faz-se e transforma-se a partir das determinações desse novo campo, que se insere no tempo como a própria velocidade – o tempo real –, ditando novas formas de apreensão e organização. Trata-se de novos ritmos que, a depender das necessidades, vão instaurar-se, mas não necessariamente deslocar outras mídias e projetos que trabalham o tempo de diversas formas.

Castells comenta que boa parte das críticas feitas às novas tecnologias calca-se em argumentos truncados e insuficientes. Com relação à questão do tempo e do espaço, o sociólogo, de fato, argumenta que existem transformações significativas, com importância histórica indiscutível, mas também aponta que tais alterações fazem parte do processo pelo qual a sociedade está passando, identificado como o momento de instauração de um novo paradigma tecnológico. Dessa forma, tempo e espaço são reconfigurados, mas nada que seja alheio à realidade ou conseqüência negativa da adoção de novas tecnologias. Trata-se, ao contrário, de parte do processo. As novas tecnologias da informação, considera Castells,

não são simplesmente ferramentas a serem aplicadas, mas processos a serem desenvolvidos. Usuários e criadores podem tornar-se a mesma coisa. Dessa forma, os usuários podem assumir o controle da tecnologia como no caso da Internet (...) Assim, computadores, sistemas de comunicação, decodificação (...) são todos amplificadores e extensões da mente humana. (CASTELLS, 1999, p.51)

Ambos os teóricos acreditam que há contribuição ao conhecimento humano com o avanço das tecnologias, seja rumo à chamada tecnodemocracia, conforme a percepção de

Lévy (1993), seja a caminho da transformação qualitativa da experiência humana, segundo Castells (1999).

### 1.3. O outro lado das inovações tecnológicas

Aos novos paradigmas trazidos pelas inovações tecnológicas e às mudanças que as interfaces, criadas e disponibilizadas pelos computadores, apresentaram à comunicação, não somente um olhar positivo foi lançado. Há teóricos que construíram visão “cautelosa”, como é o caso do professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), André Parente, do arquiteto e urbanista Paul Virilio, e, ainda, do especialista em semiótica da imagem, Gianfranco Bettetini.

Em meio à análise das inovações, algumas considerações a respeito das interfaces, das mudanças no espaço e tempo trazidas pelas novas possibilidades midiáticas, como a imaterialidade, tornam-se pertinentes ao estudo do advento das inovações tecnológicas e, direcionado ao objeto de pesquisa deste projeto, da televisão na *web* como nova dimensão comunicativa. Há de se considerar, no entanto, que os argumentos apresentados pelos autores ressaltam aspectos das tecnologias do virtual que merecem maior atenção e questionamentos.

André Parente (1993), para falar dos avanços, recorre às etapas do conhecimento humano que, ao longo da história, sofreram alterações e passaram a se reorientar e a se reconfigurar conforme os rumos da interpretação e organização do pensamento. Parente recorre ao conceito de *Maquinação do tempo*<sup>13</sup>, em que comenta a sociedade de controle industrial e questiona a hibridação homem-máquina e as novas perspectivas das sociedades desde então. Segundo Parente, vivemos hoje realidade imersa numa espécie de fluxo de tempo

---

<sup>13</sup> André Parente (1993) chama de *Maquinação do tempo* a tendência, decorrente das novas tecnologias, de o tempo organizar-se a partir da virtualidade das máquinas. Dessa forma, procura questionar a questão da velocidade – e a interferência da mesma na vida humana – e até mesmo põe em xeque a existência do homem que, de alguma forma, perderia suas orientações sobre tempo e espaço.

virtual, com sérios riscos à desterritorialização geográfica e à tendência dos indivíduos, orientados pelas novas dimensões tecnológicas, de se prenderem às esferas virtuais.

O teórico reconhece a criação de novas dimensões de interpretação do tempo e espaço, e, de forma crítica, ordena suas alterações, chamando a atenção para a velocidade e a existência de uma esfera virtual, distante de tudo o que havia sido visto. Nesse contexto, é possível relacionar a linguagem e a dimensão trazidas pela informática como fruto dessas modificações na lógica do pensamento humano.

Mesmo reconhecendo a realidade virtual como inovação, sobretudo na esfera da comunicação, Parente não deixa de ressaltar a especificidade do novo meio. “Cada veículo móvel veicula uma visão específica, produzida pelo seu deslocamento e suas velocidades próprias”. (PARENTE, 1993, p.17) Além disso, atenta para a transformação na dimensão do tempo e do espaço como aspecto preocupante. A partir da modificação, a humanidade poderá chegar ao momento em que não haverá espaço real, mas, tão-somente, espaços virtuais. Haverá, segundo o cineasta, “uma negação progressiva do intervalo de tempo que separa a partida da chegada”. Além disso, a distância de espaço cederá o lugar à distância de tempo.

O arquiteto e urbanista Paul Virilio (1993) também se mostra preocupado com as transformações, sobretudo quanto às mudanças nas estruturas de organização do tempo e do espaço. Com o advento das novas tecnologias, Virilio analisa a velocidade como contribuição negativa, que levará a humanidade a perder-se nas novas dimensões virtuais. Dessa forma, com as modificações na esfera conceitual, o autor acredita que a compreensão do real acaba por ser abalada e a experiência humana, deslocada, termina sem referências e entregue aos rumos e perspectivas virtuais.

Embora muitos teóricos favoráveis ao advento das novas tecnologias argumentem que o processo de reestruturação das dimensões do tempo e do espaço seja natural, perceptível ao

longo de toda a trajetória evolutiva das sociedades, Parente (1993) afirma que o controle do tempo através das novas tecnologias pode modificar, tanto positivamente quanto negativamente, o processo e o exercício do pensamento na cultura contemporânea, o que já seria suficiente para revisão do alcance e da evolução de tais recursos tecnológicos. Resta saber, de acordo com o autor,

em que medida essa comunicação não reduz as dimensões da subjetividade que estão em jogo no processo na comunicação livre, como a polifonia, a alteridade e as formas de existência. As interfaces interativas reduzem os processos de comunicação à reversibilidade do mesmo ao mesmo, confiscando a alteridade do outro. (PARENTE, 1993, p.24)

Para o responsável pelo centro de pesquisa do *Institut National de l'Audio-visuel* (INA, França), Philippe Quéau (1993), há necessidade de observar, atentamente, as conseqüências psicológicas implicadas pelo uso desmedido dos universos virtuais. Com a possibilidade de perda da dimensão do real, o autor aponta as inovações como perigosas, pois podem aniquilar o espaço da realidade e atuar como refúgios confortáveis de um universo virtual matematicamente perfeito.

Acerca de todo esse desconforto causado pelas novas tecnologias nos teóricos, o diretor de pesquisas do *J. Watson Research Center* da IBM, Benoit Mandelbrot (1993), pontua que elas se inserem em novo campo interpretativo. “Com seus efeitos benéficos, seus sérios perigos e suas enormes possibilidades, leva cada um de nós a se confrontar com problemas cuja solução não se acha mais nas lições a tirar das experiências anteriores”. (BENOIT, 1993, p.203)

A respeito das relações entre os indivíduos, Virilio (1993) não esconde a preocupação, com o advento das novas tecnologias, quanto à possibilidade de fim das interações face a face. O urbanista observa que, com a sobreposição do virtual à realidade, as pessoas transformam seus esforços comunicativos em diálogos construídos através dos aparatos tecnológicos. Há, enfim, deslocamento das relações humanas, com nítida interferência das “*high techs*”, uma

vez que se verifica, conforme a consideração de Parente (1993), tendência à hibridação homem-máquina.

Além de questionar a imaterialidade e a possibilidade de deslocamento face às novas perspectivas do espaço e do tempo, André Parente faz considerações sobre a questão da interatividade. Mesmo reconhecendo a nova participação do receptor, que agora pode interagir com o conteúdo e participar do processo de construção do produto, o autor não descarta possíveis aspectos negativos diante desses novos papéis. Para ele, as interfaces interativas acabam por diminuir os processos de comunicação e, numa idéia de interação, o que de fato acontece é um “diálogo reduzido”.

Sobre essa mesma interatividade, o professor da Universidade de Toronto, Derrick de Kerckhove (1993), acredita que a possibilidade de tratar imagens e sons em tempo real, nessa nova dimensão, tem como conseqüência uma fascinação pela realidade virtual, já que as máquinas aumentam os estímulos a nossos reflexos sensoriais (tato, visão e audição) e contribuem para formar e moldar uma consciência artificial. O professor também salienta que, embora esses processos pretendam realizar-se fora de nosso corpo – visto que são artificiais –, ainda há limitação humana quanto à maneira de assimilar e reconhecer os *inputs* dessa esfera virtual. Com isso, nossas reações diante dos estímulos são tão-somente generalizações, meras analogias, já que a interpretação psicológica ainda cuida de traduzir tudo em modelos analógicos. Ou seja, a experiência é, por conseguinte, imprecisa, incompleta, insuficiente.

Também a respeito da interatividade, Gianfranco Bettetini (1993) chama a atenção para a imprevisibilidade desse contato, muito embora seja, de fato, uma extensão do papel do usuário que, com as novas tecnologias, pode participar ativamente. Mesmo em contato com o sistema, a partir de caminhos definidos pelos criadores dos produtos inseridos no meio tecnológico, as novas tecnologias dependem, invariavelmente, da participação criativa do

usuário, tendo o propósito comunicativo limitado à reação aguardada e, assim, o resultado da interação caindo no terreno da imprevisibilidade.

Há de se considerar que, embora exista uma perspectiva mais “cautelosa” dos autores, em nenhum momento deixam de ser reconhecidas as tecnologias do virtual como inovações importantes para o pensamento humano. As considerações são, no entanto, em prol de uma reflexão mais aprofundada em torno não só dos aspectos promissores trazidos pelas novas tecnologias, como também a respeito das falhas e conseqüências negativas provenientes das alterações bruscas nos paradigmas do tempo e do espaço. Os autores buscam, pois, destrinchar as tecnologias e depurar, com precisão, os limites de alcance dessas modificações na estrutura da sociedade pós-moderna.

Na seqüência da discussão teórica aqui proposta, serão abordados temas diretamente relacionados à natureza e campo no qual está inserido o objeto de pesquisa. No caso, a televisão na Internet.

## 2. TV E INTERNET: REFERÊNCIAS E MODELOS

Com a Internet, sobretudo no que diz respeito à inserção da televisão na *web*, o que se percebe é a existência de outro caminho e formas diferenciadas de trabalhar conteúdos e imagens, já que um novo meio implica, como apontaram teóricos, especificidades de produção e organização.

No entanto, é fato que não há suportes e referências para esse campo virtual, uma vez que tudo é novidade, do aparato tecnológico à postura do apresentador, da linguagem ao conteúdo informativo. Não há domínio do público e tampouco do formato ideal para a produção direcionada à proposta de uma *WebTV*<sup>14</sup>.

### 2.1. O advento da televisão

A televisão, conforme já discutido, de forma breve, no capítulo anterior, surgiu, no Brasil, em 1950, como grande inovação tecnológica. Com imagens, além do som, lá estava um campo inédito e com diversas possibilidades. A TV trazia consigo “um novo mundo”, diferente de tudo o que já se conhecia. Por essa razão, chegou-se a discutir até mesmo a possibilidade de fim do rádio – meio de comunicação (p)referencial até aquele momento. Porém, como detalha Maria Elvira Federico (1982), a respeito do advento da televisão, o início não foi simples. Pelo contrário, os primeiros passos

foram difíceis, cheios de imperfeições, de falhas técnicas e humanas e a imagem mais assídua era a do cartão fixo: <<Voltaremos logo>>. Os programas estavam baseados em seqüências filmadas, interpretações musicais, cenas humorísticas transpostas do rádio e teleteatro apresentado sem ritmo, com cenários pesados e

---

<sup>14</sup> A *WebTV*, a partir da consideração, por e-mail, da professora de *Jornalismo On-line* do Centro Universitário de Belo Horizonte (UNI/BH), Lorena Tárzia, pode ser entendida como TV feita na Internet, para a Internet, com plena utilização dos recursos da rede, como, por exemplo, a interatividade em tempo real.

tônica cênica teatral. Essa situação continuou praticamente até 1955, que é o ano em que se detectam algumas mudanças estruturais. (FEDERICO, 1982, p.83)

Assim, observa-se que o rádio, ao contrário de toda a expectativa de especialistas, não foi enfraquecido, mas fortaleceu-se como meio de comunicação. Frente à chegada da TV, coube à mídia radiofônica manter-se atrelada às suas especificidades e, com isso, assumir formato e linguagem definitivos. O rádio ganhava, enfim, forte identidade.

À televisão, restou terreno vasto e não-trabalhado de possibilidades. Até que o meio televisivo atingisse linguagem própria, padrão de produção, a TV buscou caminhos e alternativas. Como detalhou Federico (1982), sem um público para se firmar, não havia, na televisão brasileira, parâmetros

para adotar porque a TV mundial também engatinhava. A institucionalização e primeiros desenvolvimentos seguiram o processo e os ciclos percorridos pelo rádio. (...) A programação foi sendo preenchida por mimese e adaptação de outros veículos ou por tentativa e erro, repetindo os passos dos anos 20/30 do rádio, em tudo, até mesmo no horário intermitente e pelas poucas horas de emissão que se restringiam ao período noturno. (FEDERICO, 1982, p.83)

Nesse percurso, é interessante ressaltar, ainda, a consideração da autora sobre a busca de uma linguagem televisiva. Segundo Federico, encontrar o formato ideal era um trabalho árduo, assim como foi para aqueles que moldaram conjuntos de referências para o rádio. Justamente para descobrir o melhor caminho para a mídia televisiva, lá estavam as mesmas pessoas que haviam passado pela formação do rádio. Dessa forma, as noções sobre comunicação e idéias acerca da programação estavam todas vinculadas ao contato das equipes com a mídia radiofônica. Não houve, por tudo isso, “a preocupação consciente com experimentação, o que se fazia era uma adaptação rudimentar do que havia nos outros veículos: então a TV foi transformada no veículo dos outros veículos”. (FEDERICO, 1982, p.84)

### 2.1.1. Os padrões da televisão e suas especificidades

Até consolidar-se como meio de comunicação expressivo, referência em muitos países, a televisão recorreu, e muito, às referências e modelos já experimentados na mídia radiofônica, visto que o rádio era o meio de comunicação já difundido e que atingia a população em maior escala. No Brasil, por exemplo, a TV começou a se firmar a partir da década de 60. Em 1962, havia um milhão de aparelhos de televisão<sup>15</sup>. As primeiras novelas, os primeiros telejornais, a exemplo do *Repórter Esso*<sup>16</sup>, mantinham semelhanças explícitas com o formato dos programas de rádio, sobretudo pela maneira como o repórter propunha-se a narrar as notícias.

Foi-se percebendo que a televisão também demandava bastante cuidado com as imagens, o que, há de se considerar, era o principal atrativo do novo aparato. Até chegar ao formato de hoje, os profissionais ligados à televisão constataram, passo a passo, que o meio possuía especificidades, sobretudo com relação à iluminação, ao cenário, à própria captação de áudio e de imagens e à necessidade de, minuciosamente, produzir informação para um público que, ao contrário dos ouvintes de rádio, atentava, sobretudo, para as imagens.

Conforme a consideração do especialista em *BroadCoast*, Comunicação e Arte Eletrônica, Valter Bonasio (2002), a utilização da mídia televisiva passou a focar as particularidades de seu público, bem como as especificidades do campo televisivo, que, como já considerado, dependia de detalhes técnicos divergentes da mídia radiofônica. Segundo as considerações de Bonasio (2002), é necessário, em televisão, atentar para a questão da dimensão do vídeo, procurando visualizar e enquadrar as idéias às limitações da lente de uma

---

<sup>15</sup> <http://www.tudosobretv.com.br/histortv/historbr.htm#> - acesso em 14/3/2005 às 10h43.

<sup>16</sup> O programa foi ao ar, pela primeira vez, em 17 de junho de 1953, pela TV Tupi. O *Repórter Esso* fazia sucesso no rádio e foi logo adaptado para a televisão. Exibido durante 17 anos, sob o comando de Gontijo Deodoro, sempre fazia a abertura com a frase “Aqui fala o seu *Repórter Esso*, testemunha ocular da história”. (<http://www.tudosobretv.com.br/histortv/historbr.htm#> - acesso em 14/3/2005 às 10h43)

câmera. Dessa forma, há de se planejar cenários e cuidar da iluminação que, dentro da proposta de captar a realidade (através da câmera), atenda à lógica de apresentação pretendida pelos produtores.

Um exemplo desse cuidado é a apresentação do *MG TV*<sup>17</sup>, telejornal da Rede Globo. O telespectador vê um cenário, devidamente enquadrado, iluminado e compreendido dentro das limitações da lente. Essa é a parcela da realidade captada pela câmera e com a qual o público tem contato. Afinal, o objetivo é apresentar o produto com tal foco visual, em tais dimensões, e não com lâmpadas, paredes, cabos, iluminadores e câmeras aparecendo no vídeo.

A dimensão do áudio também é importante, uma vez que, conforme Bonasio, há determinadas situações em que o áudio deve ser filtrado, melhorado, equalizado. Uma gravação nas ruas de Belo Horizonte, por exemplo, demanda atenção para o áudio, pois, devido à sensibilidade do microfone, os “ruídos” de carros e pedestres serão captados.

Além disso, o meio televisivo exige um texto mais simples, objetivo, e que atenda ao propósito comunicativo da televisão com seu público-alvo – ou pelo menos que atenda à idéia que a mídia televisiva tem de seu público. Hoje, as TVs contam com equipes de produção (produtor, diretor, assistente de direção, diretor de iluminação ou diretor de fotografia, cenógrafo e assistentes de produção) e equipes técnicas (diretor de imagens ou TV, sonoplasta, operador de áudio, operador de vídeo, gerente de palco, operador de câmera e o restante da equipe técnica e operacional) que, ao longo de experiências sucessivas, visualizaram os melhores formatos para entrevistas e reportagens e definiram a postura de apresentadores de telejornais, conforme observações e a idéia que formaram, desde então, de seu público e produtos.

---

<sup>17</sup> O programa é dividido em duas edições. O *MGTV - 1ª edição* vai ao ar às 12h, de segunda a sexta, e aos sábados às 12h25min. O *MGTV - 2ª edição*, de segunda a sábado, às 18h50. Esse último é apresentado no formato “redação-estúdio”, o que possibilita aos espectadores observar o movimento da redação ao fundo. (<http://redeglobo6.globo.com/GMinas/0,23716,VHH0-3405,00.html> - acesso em 24/3/2005 às 09h05)

Já com linguagem e grade de programação baseadas no contato com o espectador que, durante todo o percurso, foi observado pelos produtores, a televisão, conforme aponta Maria Beatriz Bretas (1998), é hoje dotada de discurso peculiar, com as imagens despontando como frases e constituindo toda uma sintaxe. Dessa forma, a linguagem

televisiva é de natureza icônica, ou seja, as imagens compõem o código de base para a estruturação das mensagens transmitidas pela televisão (...) Incorpora, também, sub-códigos lingüísticos, que se referem às formulações verbais, e sub-códigos sonoros. (BRETAS, 1998, p.333)

A respeito da linguagem e formato da televisão, Muniz Sodré (1981) considera que, a partir do *princípio da reprodução*, é construída a forma televisiva, que “simula operacionalmente o mundo”. Assim, “a realidade concreta perde inteiramente o seu vigor (...) o mundo (o material <<documental>> ou <<fictício>> a ser reproduzido) é sempre um modelo, um simulacro da realidade”. (SODRÉ, 1981, p. 55) Além disso, a “forma ideológica essencial do sistema da televisão é a separação radical entre os pólos do processo de comunicação e a abstração da imagem com relação ao concreto, ao vivido”. (SODRÉ, 1981, p. 55)

O sociólogo espanhol Manuel Castells (1999) também faz considerações a respeito do sistema de televisão. Segundo ele, a TV, após o seu desenvolvimento, além de se tornar referência cultural nas sociedades, caracterizou-se como mídia de massa. Dessa forma, especialistas em televisão formaram idéias de seu público a partir da definição de que suas mensagens eram destinadas a milhões de receptores e que, por essa razão, deveriam ser homogeneizadas. Daí provém, por exemplo, a proposta de um formato simples de texto, visto que, conforme Castells, o conteúdo das mensagens veiculadas era construído de acordo com um “denominador comum mais baixo”.

De qualquer forma, deve-se considerar que a televisão, para Castells, transformou-se em ambiente audiovisual de referência para a sociedade, com o qual todos interagem, por

vezes automaticamente. No entanto, o nível de interatividade oferecido ao espectador é quase nulo, o que caracteriza a comunicação da antiga TV como sistema unidirecional.

### *2.1.2. A perspectiva interativa: uma tendência?*

Embora tenha-se firmado como veículo de grande importância, no Brasil, a televisão, com novelas, noticiários, programas de entretenimento, vem sendo questionada, por especialistas e teóricos, quanto a seu propósito comunicativo. Muitos deles consideram que a TV deve atentar para a questão da interatividade e ampliar seu contato com o público. Maria Beatriz Bretas (1998), por exemplo, aponta que o código televisivo vem sofrendo modificações,

influenciadas pelas novas formas de interface com os usuários (...) são novos modos de viabilizar as imagens, dando à TV e ao vídeo alternativas que vão da comunicação de massa até o diálogo interpessoal, na perspectiva interativa que se coloca como tendência. (BRETAS, 1998, p.334)

Dominique Wolton (1996), por sua vez, acredita na interação – sendo ela mínima ou não, com sua programação destinada a número amplo e diversificado de espectadores. É aí, afirma Wolton,

que reside a força da televisão como meio de massa: todo mundo assiste às mesmas imagens, mas ninguém vê a mesma coisa! (...) Existe, portanto, uma interação: o meio de massa não é apenas uma correia de transmissão que permite que as imagens cheguem ao destino, mas contribui, ele próprio, com a evolução do quadro cultural comum no qual as imagens ganham sentido. (WOLTON, 1996, p.77)

O reconhecimento de que a audiência, ao contrário de ser um “objeto passivo”, era, de fato, “sujeito interativo”, de acordo com as considerações de Castells, aconteceu posteriormente, o que permitiu à TV abrir-se para maior relação com seu público, com os gostos e interesses diversos de seu espectador. Afinal, o fato de a audiência não ser objeto passivo, mas sujeito interativo, para Castells, abriu caminho rumo à

diferenciação e subsequente transformação da mídia que, de comunicação de massa, passou à segmentação, adequação ao público e individualização, a partir do momento em que a tecnologia, empresas e instituições permitiram essas iniciativas. (CASTELLS, 1999, p.362)

No entanto, segundo Castells (1999), nem mesmo a diversificação dos meios de comunicação - um bom exemplo seria a ampliação do número de canais nas “TVs por assinatura” - permitiu à audiência interação maior com os apresentadores, com os programas a que assistiam. A lógica de mão-única seguiu no universo televisivo. Ou seja, a TV não conseguiu fugir de sua verdadeira vocação, apontada por Muniz Sodré (1981) como “a síntese hegemônica dos discursos” – isto é, com a padronização de conteúdos a partir da idéia de um público passivo e homogêneo. Para Sodré, a mais profunda natureza da televisão “requer o silêncio do ouvinte, do telespectador, condenado pelo estatuto da moderna produção monopolística a uma relação social que o define como mero usuário”. (SODRÉ, 1981, p.9)

Para Nelson Hoineff (1996), o cuidado com a questão da interatividade e o trabalho a fim de permitir, ao telespectador, contato direto com a programação, contribui para o nascimento de uma TV diferente. O autor aponta, a partir daí, o enfraquecimento do monopólio da televisão tradicional e a disseminação de novas formas estéticas. Para Hoineff, é justamente a

capacidade interativa que vai modificar as relações do espectador com o seu receptor de TV, provocando o surgimento de uma televisão na qual as idéias de produção e veiculação não guardarão a mínima semelhança com a noção que hoje delas se faz. (HOINEFF, 1996, p.144)

A chegada da tecnologia digital veio, exatamente, conforme afirmação de Castells já citada, “libertar a televisão da tela”. Através da televisão na Internet, por exemplo, o público teria, à disposição, pela primeira vez, canais de comunicação direta com os apresentadores, através de dispositivos como *e-mail*, *chats* e *videoconferências*. Enfim, formas de ampliar a participação do indivíduo na construção dos produtos interativos. Finalmente, a questão da

interatividade parecia encontrar, não uma resposta, mas uma possibilidade. Seria, assim, alterado o estilo da imagem televisiva que, segundo Sodré (1981), “é o da notificação, remota e unilateral”. (SODRÉ, 1981, p. 10)

## **2.2. O advento da Internet**

Como já comentado, a Internet foi criada, no início dos anos 60, como resultado de um projeto militar norte-americano. Seu propósito era transmitir, eletronicamente, informações.

A rede passou a ser explorada, comercialmente, apenas no início da década de 90, nos Estados Unidos. O governo percebeu que, investindo nos sistemas, poderia propiciar à população acesso às informações, oferecer produtos e angariar valores a partir dessa tecnologia aplicada. Tornou-se possível o acesso à rede, enfim, somente a partir dessa iniciativa. Até então, tal tecnologia era restrita aos ambientes militar e acadêmico.

No Brasil, a Internet tornou-se tecnologia acessível (considerando-se, ainda, a restrição econômica) pela população somente em meados dos anos 1990, a partir de investimentos do governo. Em 1995<sup>18</sup>, apenas 11 mil usuários tinham acesso à rede. Já em 1998<sup>19</sup>, havia 2,7 milhões de usuários no país. Cinco anos mais tarde, em 2003<sup>20</sup>, o número subiria para 13,9 milhões de internautas.

### *2.2.1. A Internet e os novos recursos*

Desde 1995, a Internet segue em busca de um “caminho ideal”, diante de novas possibilidades – o que nos remete, novamente, ao exemplo similar do surgimento da TV.

---

<sup>18</sup> [http://unstats.un.org/unsd/mi/mi\\_series\\_results.asp?rowID=605](http://unstats.un.org/unsd/mi/mi_series_results.asp?rowID=605) - acesso em 01/4/2005 às 18h23.

<sup>19</sup> [http://www.clickz.com/stats/big\\_picture/geographics/article.php/150521](http://www.clickz.com/stats/big_picture/geographics/article.php/150521) - acesso em 17/3/2005 às 19h15.

<sup>20</sup> <http://www.clickz.com/stats/sectors/geographics/article.php/2205881> - acesso em 17/3/2005 às 19h21.

Afinal, os computadores e a rede trouxeram, consigo, a alternativa de disponibilizar, no mesmo aparato tecnológico, produtos e conteúdos que, até então, estavam atrelados a seus universos específicos - televisão, rádio e jornal impresso – e tão-somente neles poderiam ser compreendidos.

A Internet trouxe à tela dos espectadores, por exemplo, sob roupagem virtual, veículos impressos tradicionais<sup>21</sup>, como a *Folha de S. Paulo* ([www.folhaonline.com.br](http://www.folhaonline.com.br)), o *Jornal do Brasil* ([www.jb.com.br](http://www.jb.com.br)) e o *Estado de Minas* ([www.estaminas.com.br](http://www.estaminas.com.br)). Após tentativas, percebeu-se que o meio exigia modelo diferenciado, isto é, textos curtos, com *links* e diagramação própria. Assim, começava a ser constatada a existência de um novo público, com outros interesses e objetivos.

Com a experiência da alternativa de disponibilizar os veículos impressos tradicionais na rede, foi possível, aos produtores, observar novos hábitos e, a partir daí, procurar outras formas de comunicação. Atualmente, a Internet traz consigo a possibilidade de atender aos anseios de um usuário específico, com informações sobre o perfil do utilizador, dados sobre localidade e/ou estimativas de acesso. São informações que, vale lembrar, vão aperfeiçoar a evolução dos produtos informativos na *web* e cuidar para que os conteúdos preencham, exatamente, as expectativas de seu público-alvo.

### **2.3. A TV chega à Internet**

Sem expandir por demais a discussão, vale direcionar o debate, especificamente, para a inserção da televisão na Internet e a conseqüente abertura de novas possibilidades. A primeira *WebTV*, entendida sob a perspectiva de um equipamento de TV e computador integrados, surgiu, segundo afirma Bretas (1998), na cidade de Nova Iorque, em setembro de

---

<sup>21</sup> É importante ressaltar que, inicialmente, os primeiros veículos reproduziam, na *web*, os conteúdos de suas páginas impressas, o que aponta, mais uma vez, em meio às inovações, a tendência para reprodução de modelos.

1997. No Brasil, a primeira *WebTV*, a *allTV*<sup>22</sup>, surgiu em 2002, a partir da iniciativa do jornalista Alberto Luchetti<sup>23</sup>.

Do surgimento à utilização, pouco tempo ainda se passou, sobretudo se considerado, especificamente, o caso do Brasil. Mas a perspectiva de “navegar” através da tela da TV, inserida no ambiente virtual, abre espaço para que se observe, desde já, uma alternativa à demanda por interatividade, tida por teóricos como problema a ser sanado para o bem do propósito comunicativo da TV.

### 2.3.1. A convergência TV-Web

A convergência entre a televisão e a Internet é cada vez mais evidente. Vale lembrar, pois, a perspectiva de Jorge Trinidad Ferraz de Abreu e Vasco Branco (s.d.), da Universidade de Aveiro, em Portugal. Dispostos a construir soluções e caminhos para as novas “brechas” deixadas pelas evoluções tecnológicas, Ferraz de Abreu e Branco (s.d.)<sup>24</sup> atentam para as limitações, os agentes envolvidos e as possíveis alterações provenientes de mudanças no paradigma da televisão, face à alternativa de uma televisão interativa.

Com esse objetivo, Ferraz de Abreu e Branco chamam a atenção para o surgimento da Internet como potencial concorrente da televisão, visto que alguns estudos esboçam queda no tempo de consumo de produtos televisivos entre aqueles que passaram a ser, também, utilizadores da *web*. Atentos a essa perspectiva que, apesar dos resultados, ainda é, segundo os autores, de pouco impacto em termos relativos, Ferraz de Abreu e Branco (s.d.) apóiam-se

---

<sup>22</sup> Primeira TV por Internet 24 horas ao vivo, com interatividade, a *allTV* esteve no ar, também, no canal 12 da TVA, em São Paulo, a partir de maio de 2003. Em 2005, no entanto, a programação voltou a ser exibida somente na rede.

<sup>23</sup> Alberto Luchetti já foi diretor de núcleo de TV da Rede Globo e deixou a emissora para cuidar de seu projeto com a *allTV*.

<sup>24</sup> <http://www.bocc.ubi.pt/pag/abreu-ferraz-convergencia-TV-Web.pdf> - acesso em 21/2/2005 às 10h32

nesses sinais do panorama de utilização da TV e da *web* para destrinchar as possibilidades de convergência entre os meios, bem como eventuais razões para tal tentativa.

Os autores comentam que, quanto às aspirações dos agentes empresariais, é sempre condicionante a questão dos lucros, para que se potencialize uma inovação tecnológica. Assim, considerando a *web* como novo nicho de mercado, agentes empresariais, passam a se organizar com atenção especial às expectativas dos novos utilizadores, bem como às novas oportunidades de negócio oferecidas pela convergência. Esse novo nicho, na opinião de Renato Janine Ribeiro (2004), pode, inclusive, reduzir o poder do capital e colaborar para que a desigualdade seja arrefecida. Tal idéia, vale lembrar, leva-nos, novamente, à definição de “tecnodemocracia”, defendida por Pierre Lévy (1993).

Sendo assim, voltando à idéia de potencialização do novo meio e às oportunidades abertas pela Internet, percebe-se que o ambiente é propício a novas experiências, com diversas possibilidades de se propor interatividade a um público diverso da televisão, não mais passivo, mas, sim, conforme Ferraz de Abreu e Branco (s.d.), utilizador e produtor da informação. Em meio a isso, as empresas observam que a *web*, de uma só vez, reúne conteúdos, tecnologias e os próprios utilizadores. O que falta, porém, segundo os autores, é encontrar a maneira ideal de integrar convenientemente tais elementos.

É pertinente destacar as complexidades discutidas pelos autores ao tratar da mudança no perfil do público, se considerados os telespectadores e os utilizadores da *web*. Há necessidade de oferecer serviços mais personalizados, em virtude da alteração do alcance e da maneira de chegar aos espectadores. Diante da *web*, por exemplo, os internautas não mais aceitariam passivamente os conteúdos, mas passariam a interagir de forma particular. Isso se justifica pela idéia de que o espectador, em contato com o computador, é responsável direto pelos comandos e pela seleção daquilo que irá ou não consultar. Dessa forma, a linguagem do meio televisivo torna-se insustentável diante da idéia de uma televisão na Internet. A

personalização – maneira de atender às exigências de um usuário específico – é uma tendência, sobretudo em razão da existência de apenas um único espectador diante daquele conteúdo, frente à tela do computador.

Assim, torna-se imprescindível aos profissionais ligados à *web*, sobretudo à televisão voltada para esse meio, focar em questões como “usabilidade”. Conforme a professora e especialista em jornalismo digital, Pollyana Ferrari (2003), o profissional que atua nesse ambiente deverá reformular sua prática e adequar-se às especificidades do novo meio. O texto, agora, é direcionado àquele espectador que, ao mesmo tempo, ajudará a construir a informação e ditará quanto, quando ou “se” irá procurar informações.

Ao jornalista, cabe, segundo a professora, observar que os modelos tradicionais e as lógicas da comunicação através da TV e da mídia impressa não se sustentam no novo meio, nem servem de referência, uma vez que o público, na *web*, encontra-se ainda em formação. Não se trata de uma audiência da qual já se tem idéia de formatos e produtos ideais. Os jornalistas, em contato com a *web*, estão diante de um terreno ainda impreciso, que demanda cuidado e não tem público definido. A linguagem dinâmica, a maneira como se busca informação, a forma como o conteúdo será apresentado aos espectadores desses produtos informativos, tudo isso influirá no desejo do utilizador de acessar ou não determinados conteúdos.

Se, de um lado, há fatores que acabam por tornar complexas as decisões em prol da construção de uma televisão interativa, por outro, é possível constatar, de antemão, algumas das vantagens que o meio leva aos internautas, como, por exemplo, a “independência espaço-temporal”. Isto é, mais liberdade para o espectador acessar os conteúdos disponíveis. Outra vantagem seria a possibilidade de “independência espacial”, já que a Internet se pretende cada vez mais global, com ampla abrangência geográfica. Ou seja, os conteúdos poderiam ser acessados de qualquer lugar. Além disso, há tendência de democratização, segundo os

autores, através da participação do público em virtude dessa interatividade. O utilizador da TV na *web* passa a influir ativamente na programação televisiva.

A respeito das tipificações propostas pelos autores, ao abordarem os modelos de convergência, seria pertinente, dentro da idéia de trabalhar a televisão na Internet, realçar uma das possibilidades que é, justamente, “a *web* como plataforma para a distribuição de conteúdos televisivos”. (FERRAZ DE ABREU, BRANCO, s.d., p.6) Ferraz de Abreu e Branco (s.d.) apontam que ainda existem limitações técnicas, bem como imprecisão quanto à nova linguagem de produção para TVs com proposta interativa, uma vez que tudo é muito recente. Dessa forma, ainda é lenta a exploração das capacidades de tal convergência.

Ainda a esse respeito – TV na *web* – os autores destacam, novamente, a idéia de alteração do papel do público, isto é, não só receptor como também produtor de conteúdos. Além disso, chamam a atenção para a importância de se oferecer, nesse meio, conteúdos não fornecidos fora dali. Portanto, originais. E isso é reforçado pela questão das limitações de largura de banda – velocidade de transmissão de dados na *web* – que requer cuidado específico, bem como conteúdos produzidos dentro dessas limitações. A questão de velocidade é apontada, por Ferraz de Abreu e Branco (s.d.), como um obstáculo deste serviço. Assim, para superar a dificuldade, a tecnologia deve contar com a criatividade e empenho dos criadores de produtos para o meio, de forma a trabalhar novos conteúdos interativos, adaptados a essa infra-estrutura.

Assim, conforme a crítica feita pelos autores, o modelo de TV interativa poderia abrir-se para novas formas de utilização, e não somente aos serviços como o de arquivo de televisão das últimas 24 horas<sup>25</sup>. Esse tipo de serviço, embora bastante procurado, representa, ainda, a

---

<sup>25</sup> A *Globo.com* é um exemplo de site que, a partir das considerações dos autores, poderia ser definido como espaço de “subutilização” dos recursos. Apesar de o portal oferecer capítulos e trechos de suas novelas e programas, tais conteúdos não foram produzidos para aquele ambiente.

“subutilização” das possibilidades dos novos meios, já que conteúdos produzidos para o ambiente virtual poderiam ser criados.

Há possibilidade desse veículo de comunicação, que desponta como alternativa midiática, enquadrar-se como espécie de “*self-media*” – com o utilizador escolhendo o que, quando, como e “se” irá assistir. Segundo os autores, a TV interativa é dotada do pluralismo que vai reconfigurar os paradigmas orientadores da produção de conteúdos. Além disso, a alternativa também diversificará e ampliará as possibilidades nesse campo. São diversas as motivações e, além disso, o espaço está ainda em formação, o que abre brecha ao experimentalismo<sup>26</sup> em prol da formação de uma *WebTV* “atenta” e direcionada às suas particularidades.

#### 2.3.1.1. A Banda Larga

Antes de prosseguir, é pertinente detalhar a importância da *Banda Larga* para a transmissão dos produtos informativos em questão, sobretudo para o melhor aproveitamento dos recursos multimidiáticos a que pretendemos acessar na rede. A questão da velocidade, conforme Ferraz de Abreu e Branco (s.d.)<sup>27</sup> apontam, é preponderante, sobretudo porque desponta como possível entrave no acesso ao serviço das TVs da *web*.

Assim, é importante explicar que o termo *Banda larga* refere-se a uma velocidade de conexão que seja superior à velocidade padrão do analógico de 56 Kbps. Essa tecnologia é uma alternativa à conexão por linha analógica e só é possível mediante a utilização e contrato de um serviço que ofereça linha digital para estabelecer o acesso.

---

<sup>26</sup> Antonio Brasil, em contato por *e-mail*, esclarece que o termo “experimentalismo” está ligado às noções de busca por novas realidades, experiências ou modelos. Liga-se, sobretudo, à idéia de criar e ousar. Dessa forma, o termo é utilizado, ao longo da pesquisa, no sentido de criação, isto é, rompimento com padrões e modelos já estabelecidos em prol de novos conteúdos e linguagens.

<sup>27</sup> <http://www.bocc.ubi.pt/pag/abreu-ferraz-convergencia-TV-Web.pdf> - acesso em 21/2/2005 às 10h32

A *Banda Larga* possui diversas tecnologias, entre elas a *ISDN/DSL*, que requer modem especial e utiliza as redes de telefonia convencionais para transmitir dados em alta velocidade que variam de 128 Kbp/s (*ISDN*) até 4 Mbp/s (*DSL*). Outra alternativa é a conexão por *Cabo* (*CATV*), que utiliza as redes de transmissão das TVs a cabo e podem atingir velocidades entre 256 Kbp/s e 1 Mbp/s.

Outras opções de conexão tidas como *Banda Larga*, no Brasil, são a *Wireless/rádio*, que transmite dados por meio de ondas de rádio-frequência e a conexão por *Satélite*, que utiliza satélites de comunicação para enviar e receber o sinal para os computadores que os captam por meio de antenas parabólicas comuns e receptores<sup>28</sup>.

Para o acompanhamento dos objetos de estudo, a tecnologia utilizada foi a *ISDN/DSL*, com modem que alcança a velocidade de 256 kbp/s.

### 2.3.2. *TV on-line e WebTV: distinções*

Cabe, antes de partir para o próximo momento de nossa discussão – quando será abordada a questão das tendências de experimentação e reprodução – fazer breve distinção sobre os termos “televisão na Internet” (ou *TV on-line*) e “*WebTV*”.

A partir da consideração de João Messias Canavilhas<sup>29</sup>, entre jornalismo *on-line* e webjornalismo é possível diferenciar, também, *TV na Internet* e *WebTV*. Conforme apontou a professora de Jornalismo *On-line* do Uni-BH, Lorena Tárzia, a primeira é uma TV que em nada se diferencia da televisão tradicional, embora seja transmitida através da Internet. Já a *WebTV* – detalhada anteriormente –, é feita na Internet, para a Internet, e com a utilização de

---

<sup>28</sup> [http://pt.wikipedia.org/wiki/Banda\\_larga](http://pt.wikipedia.org/wiki/Banda_larga) - acesso em 23/6/2005 às 10h17.

<sup>29</sup> <http://bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-webjornal.pdf> - acesso em 21/2/2005 às 15h42.

recursos da rede, inclusive com interatividade em tempo real. Outro esclarecimento válido diz respeito à especificação “*on demand*”, que caracteriza os produtos arquivados na Internet e que podem ser acessados a qualquer momento pelo internauta – também exemplificada com os vídeos oferecidos pelo site *Globo.com*.

Outro termo que refere-se ao tipo de transmissão de TV para a Internet é o *IPTV*, que é o resultado de uma transmissão de dados que utiliza conexões de alta velocidade à Internet para transmitir os sinais digitais em redes *IP*<sup>30</sup>. A tecnologia é similar à já conhecida e testada pelo programa de computador *Skype*<sup>31</sup>, que permite a comunicação por voz entre usuários mediante a conexão entre os *IPs*. Com a *IPTV*, as emissoras da rede vão poder alcançar níveis melhores de qualidade de transmissão<sup>32</sup>.

### 2.3.3. Reprodução X experimentação

A questão da chegada da televisão à Internet remete, segundo o professor de telejornalismo da UERJ, mestre em Antropologia Social e doutorando em Ciência da Informação, Antonio Brasil (2002), à eterna procura da mídia televisiva: a busca pelo desenvolvimento de interatividade. Justamente nesse novo modelo de televisão, voltado para a *web*, Brasil identifica a possibilidade de, pela primeira vez, ser atingida uma interatividade jamais encontrada nos antigos modelos.

No entanto, com base na discussão inicial sobre a perspectiva *TV-Web*, é possível observar que a questão da convergência envolve, além de implicações técnicas e alterações ligadas à tecnologia, profundas alterações na prática jornalística, bem como nos produtos que

---

<sup>30</sup> *IP* é um número usado pelos computadores para estabelecer o envio de informação pela Internet. O usuário que navega na rede é identificado através do seu endereço *IP* (ex: 255.255.255.55) e por meio dele estabelece conexões. (Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Endere%C3%A7o\\_IP](http://pt.wikipedia.org/wiki/Endere%C3%A7o_IP) - acesso em 25/6/2005 às 16h32)

<sup>31</sup> <http://www.skype.com>

<sup>32</sup> [http://pt.wikipedia.org/wiki/TV\\_Digital](http://pt.wikipedia.org/wiki/TV_Digital) - acesso em 25/6/2005 às 15h37.

serão gerados, já que, conforme considera a professora Pollyana Ferrarri (2002), o público, na *web*, está, ainda, em formação.

Há, de acordo com Brasil (2002), a necessidade de trabalhar novas formas de transmissão de informações, bem como de quebra de paradigmas que, atualmente, orientam a maneira como é feito o telejornalismo. Ao contrário do antigo meio – a TV tradicional –, que o professor percebe como um dos mais conservadores e menos democráticos, é preciso pensar novo caminho para o telejornalismo *on-line*, principalmente direcionado à democratização.

Seja pela imprecisão do novo campo, a dificuldade em se enxergar novas possibilidades, e mesmo a relutância em se desvencilhar das referências da “velha” TV, o que se observa, mesmo com a constatação de teóricos e autores a respeito da necessidade de experimentação e reconfiguração da prática, é o transporte de conteúdos “enquadrados” nos formatos da antiga TV para a televisão na *web*.

De certa forma, a questão do rádio e da televisão volta à tona. Tal como naquele momento, a inovação tecnológica apresentava vasto campo de possibilidades, porém sem referências e modelos. Com a presença da televisão na *web*, está de volta a questão da imprecisão: tem-se idéia de que o novo campo deve ser aproveitado, mas não há segurança para criação de propostas e experiências. A reprodução surge como alternativa àqueles que, sem conseguir reunir esforços criativos em prol de uma nova tendência e um novo público, recorrem a práticas já disseminadas.

Segundo o jornalista Pedro Dória (2002)<sup>33</sup>, para se trabalhar nesse meio é preciso quebrar e excluir todos os “dogmas”, todas as fórmulas existentes, pois não existe qualquer referência ou modelo definido. Dória reconhece que, hoje, na *web*, há quantidade expressiva de modelos similares, o que o colunista aponta como o “medo de arriscar”. Contudo, para Dória (2002), os profissionais devem levar em consideração que a criatividade é o que

---

<sup>33</sup> Pedro Dória (2002) é jornalista e foi colunista do site [www.no.com.br](http://www.no.com.br). Atualmente, o endereço não é mais atualizado. No entanto, o conteúdo do site permanece arquivado e ainda pode ser consultado.

mantém a *web* em “movimento”, sendo a Internet um grande espaço para experimentação. Isso deve atingir o texto e o formato dos programas. Enfim, todas as linguagens. Só assim será possível atender às especificidades do meio.

O diretor de cinema e televisão Pedro Paulo Carneiro (2002), aponta como equívoco a reprodução de conteúdos, uma vez que a televisão na *web* requer novas interpretações e depende de nova linguagem. De acordo com Carneiro, atualmente há tendência de se copiar

o mesmo formato de televisão para dentro da rede. Em *sites* como o TV UOL, TV Terra etc., vê-se programas, de cerca de uma hora, com a mesma formatação de direção, de linguagens de câmera, de cenários e conteúdos idênticos aos da televisão. Isto tende a não dar certo. (...) será preciso muito mais conteúdo do que o necessário atualmente na televisão que temos. (CARNEIRO, 2002, p.28)

Para Brasil (2002), é importante considerar que a Internet é um campo em desenvolvimento e que as reflexões e discussões em torno do telejornalismo *on-line* são formas importantes para a construção de uma televisão melhor e mais adequada às particularidades do meio. Justamente por isso, o professor defende a experimentação como maneira de buscar o caminho ideal. “Com o telejornalismo digital temos a possibilidade de errar, cabendo ao espectador interagir, comunicar, dizer onde está havendo erros e acertos, se funciona ou não, se a mensagem foi passada ou não”. (BRASIL, 2002, p.44)

Em artigo publicado na Internet, Antonio Brasil<sup>34</sup> defende a proposta da *allTV* – primeira emissora feita exclusivamente para a Internet – como importante contribuição para o desenvolvimento de novas maneiras de produção televisiva. A emissora propõe interatividade 24 horas por dia e abre espaço para contato com o espectador, que, via *chat*, discute junto com os apresentadores e participa ativamente da programação. Apesar das dificuldades em se caminhar nesse terreno, a *allTV*, segundo Brasil, apresenta proposta diferenciada e que, calcada no experimentalismo, tem muito a contribuir para a construção de uma televisão adequada à Internet.

---

<sup>34</sup> [http://www.videotexto.tv/ab\\_tv\\_invade\\_internet.html](http://www.videotexto.tv/ab_tv_invade_internet.html) - acesso em 23/2/2005 às 10h11.

Os autores consideram necessário redirecionar e reorientar a produção de programas voltados para *web*, de forma que seja possível trilhar novos caminhos para a televisão na Internet. Os profissionais podem, a partir da criatividade, atingir o êxito dos propósitos informativos. Para isso, porém, os teóricos consideram interessante fugir dos modelos convencionais e apresentar projetos diferenciados, adequados ao público e às necessidades do mesmo. Produtos que absorvam, ao máximo, todas as possibilidades e recursos e que instaurem, finalmente, o diálogo entre as mídias (rádio, TV, Internet) que compõem o universo multimidiático. Assim, a idéia de Bonasio (2002), de que a produção audiovisual, na Internet, apesar da inovação, deve seguir as mesmas regras e procedimentos desenvolvidos na televisão é, a partir da argumentação delineada, inválida, visto que reforçaria os paradigmas atrelados às práticas já difundidas e direcionadas por públicos diferentes daqueles ligados à televisão na Internet.

Tendo por base a argumentação e discussão teóricas apresentadas ao longo dos últimos tópicos, pretende-se, a partir daí, analisar, de forma comparativa, a maneira como vem sendo produzida a televisão na *web*, bem como se há, de fato, reprodução de modelos já experimentados.

### 3. A TELEVISÃO NA INTERNET

#### 3.1. Metodologia

Com o objetivo de analisar, comparativamente, a forma como vem sendo produzida a televisão na *web*, a referida pesquisa organizou-se a partir de uma série de objetivos. De imediato, observar se, de fato, há reprodução de modelos já experimentados e, ainda, se existe proposta diferente dos modelos da TV tradicional. Além disso, verificar se os programas *Jornal Interativo (allTV)* e *Jornal do Terra (TV Terra)* procuram ampliar a interatividade, tal como permite a nova tecnologia.

A fim de realizar a pesquisa, foi realizado levantamento empírico dos programas de referência: *Jornal Interativo* e *Jornal do Terra*. Analisamos os jornais durante a primeira quinzena de março (01/3/2005 a 15/3/2005). Observou-se o programa veiculado pela *TV Terra* em sua edição exibida às 15 horas, de segunda a sexta. Já o produto informativo da *allTV*, que possui horário único de exibição, de 18h às 20h, também sem apresentação aos sábados e domingos. Para cada edição, realizou-se relatório crítico, com descrição das peculiaridades dos telejornais. Além disso, durante a primeira semana de análise, gravamos os produtos informativos, na íntegra.

Para gravação dos programas, utilizamos uma *webcam*, posicionada diante da tela do computador. A captura das imagens pôde ser feita a partir do *software Microsoft Windows Movie Maker vr. 5.1*. O programa permitiu a gravação dos jornais, na íntegra, e reunião de material suficiente para a análise final. A captura dos programas, realizada na primeira semana de março, totalizou 1,28Gb – espaço ocupado no computador.

Tais programas foram selecionados devido ao vínculo direto com o tema, isto é, trata-se de produtos informativos inseridos na perspectiva de análise apresentada no referencial teórico e que podem ilustrar a maneira como vem sendo trabalhada a televisão na *web*. Vale

ressaltar, também, que esses programas são citados pelos estudiosos, presentes no levantamento bibliográfico, para fundamentar suas análises argumentativas. Dessa forma, acredita-se que utilizar tais produtos informativos seria um bom caminho para atingir os objetivos do estudo.

Analisamos o conteúdo dos programas a partir das discussões teóricas traçadas e, com a devida articulação, caracterizados quanto a seu formato e adequação ao meio no qual estão inseridos. Além disso, aliou-se à percepção teórica a observação participante, isto é, a participação através dos *chats* de cada produto informativo, como forma de encontrar respostas às questões de interatividade – se é ou não possível interferir no conteúdo veiculado.

### **3.2. TV Terra: pioneirismo na web**

A trajetória da *TV Terra* na Internet brasileira começa em outubro de 2000. O programa *Chat Show*, primeiro a ser veiculado pela emissora, entrou no ar a 19 de outubro daquele ano e marcou a inauguração do estúdio da *TV Terra*<sup>35</sup>. O programa era comandado pela modelo Fabiana Saba e contou, na exibição inicial, com a participação de Gilberto Gil.

Neste primeiro semestre de 2005, a *TV Terra* (<http://tv.terra.com.br>) possui programas variados e oferece transmissão 24 horas. Sua página principal divide a programação por temas-chave, além de contar com os principais destaques do dia – e os devidos *links* para vídeos e matérias. Os eixos temáticos dos programas dividem-se em *Cinema*, *Culinária*, *Disney*, *Diversão*, *Esotérico*, *Esportes*, *Futebol Europeu*, *Jornal do Terra*, *Moda*, *MTV*, *Música*, *Publicidade*, *Saúde* e *Turismo*. Cada uma das áreas indicadas leva a uma nova página com a informação dos programas, vídeos e matérias a elas relacionados.

---

<sup>35</sup> Segundo informações, investiu-se cerca de U\$1 milhão na criação do estúdio da TV Terra. Inicialmente, contava-se com área de 100 metros quadrados, equipada com recursos para transmissão ao vivo, além de três ilhas de edição digitais e quatorze câmeras de última geração.  
(<http://www.terra.com.br/exclusivo/noticias/2001/10/25/039.htm> - acesso em 05/4/2005 às 16h02)

Cabe, em nosso estudo, especificar a apresentação do objeto de análise, o programa *Jornal do Terra*. O telejornal surgiu em outubro de 2002, no dia 18 de novembro. Transmitido diretamente dos estúdios da *TV Terra*, em São Paulo, o *Jornal do Terra* tem duração de 30 minutos e divulga as principais notícias econômicas, políticas e sociais do país e do mundo. É exibido, de segunda a sexta, ao vivo, em boletins extraordinários às 11h, 15h e 17h30. Além disso, o conteúdo é reprisado logo após a transmissão ao vivo, ou, ainda, nos horários alternativos de 22h30, 1h30 e 8h (ligados, respectivamente, às edições de 11h, 15h e 17h30)<sup>36</sup>.

É importante ressaltar, ainda, que, além da transmissão e reexibição dos programas na grade de 24 horas da *TV Terra*, todo o conteúdo produzido pelo jornal encontra-se à disposição dos internautas para acesso – vídeos *on-demand* – a qualquer momento. Também é possível que usuários cadastrem seus *e-mails* de modo a receber por correio eletrônico as principais manchetes do *Jornal do Terra*. A *TV Terra* é transmitida via *streaming*<sup>37</sup> e, para assisti-la, o internauta deve ter, no computador, o programa *Real Player* (produzido pela *Real Networks*), ou *Windows Media Player* (produto da *Microsoft*).

A equipe do *Jornal do Terra* é formada pelos editores-chefe, José Roberto de Toledo e Jaime Spitzcovsky, o editor-executivo Everton Constant e os jornalistas e apresentadores Maria Lins e Milton Jung. Também compõem o grupo os comentaristas Carlos Alberto Sardenberg, Paulo Markun e Wálter Maierovitch. A jornalista Hérica Christian é a correspondente em Brasília e redação e reportagem ficam a cargo dos jornalistas Ana Paula Ziglio, Silvia Ribeiro, Fernando Nakagawa, Dora Estevam, Fabiana Uchinaka e Fabiano Falsi.

---

<sup>36</sup> <http://www.maxpressnet.com.br/NS/maxdicas-noticia.asp?SECAO=MA&SQ=4880> - acesso em 05/4/2005 às 16h41.

<sup>37</sup> *Streaming* é a “tecnologia usada na transmissão de informações de áudio e vídeo para computadores ligados a uma rede, especialmente Internet e Intranet. Por esse recurso, um vídeo pode ser assistido pelo usuário enquanto está sendo transmitido. Por não ser necessário fazer *download*, é possível inclusive transmitir eventos ao vivo”. (BARBOSA, RABAÇA, 2001, p.694)

### 3.3. *allTV*: a primeira *WebTV* do Brasil

A idéia de criar a *allTV* partiu do jornalista Alberto Luchetti, no dia 13 de outubro de 2000. Com o desejo de fazer a convergência de mídias, isto é, aliar conteúdo de jornal à linguagem espontânea do rádio, à imagem de TV e à interatividade da Internet, Luchetti deu início ao projeto de US\$ 2 milhões que, a 6 de maio de 2002, levaria à rede a primeira *WebTV* do Brasil: a *allTV*.

A *allTV* oferece 24 horas de programação, ao vivo, e, em 2003, segundo o diretor-geral, contava com 200 funcionários trabalhando em 51 programas. Neste primeiro semestre de 2005, a emissora virtual soma 52 programas – entre os quais *Jornal Interativo*, *Fala Sério* e *WebNews* – e 76 apresentadores – entre eles Caio Camargo, Vinícius Costa, Emanuela Rego e Amanda Klein.<sup>38</sup>

De acordo com informações do próprio site da *allTV*, a emissora conta com três estúdios principais e oito *sets* disponíveis para intervenções diretas ou gravações. São dezesseis câmeras digitais, sendo doze versões utilizadas nos estúdios e quatro destinadas às reportagens externas. Além disso, a *allTV* possui cinco microcâmeras, três ilhas de edição não-lineares e uma rede de 50 computadores, que suprem a demanda do *switch*<sup>39</sup>, da redação – pautas e reportagens – e da direção<sup>40</sup>.

Tomando como parâmetro o *Jornal Interativo* – objeto de análise tal como o *Jornal do Terra* –, convém especificar algumas das informações do programa. O telejornal, segundo informações cedidas, por *e-mail*, pelo jornalista Vinícius Costa – apresentador do *Jornal Interativo* –, é o resultado de um projeto criado pelo dono da *allTV*, Alberto Luchetti, e o

---

<sup>38</sup> Dados listados na página principal da emissora, <http://www.alltv.com.br> – acesso em 05/4/2005 às 16h32.

<sup>39</sup> *Switch* é um “dispositivo que permite selecionar um sinal de vídeo ou de som desejado, dentre os sinais captados pelas diversas câmeras, além de mesclar diferentes sinais (com efeitos de corte, fusão de imagens, cortina, *split-screen*, etc.) e ligá-los ao circuito de transmissão”. (BARBOSA, RABAÇA, 2001, p.701)

<sup>40</sup> [http://www.alltv.com.br/site/content/sobre/sobre\\_alltv.php](http://www.alltv.com.br/site/content/sobre/sobre_alltv.php) - acesso em 05/4/2005 às 16h44.

antigo diretor de programação, Marcos Barrero. O programa é uma evolução do jornal *Web News - 2ª edição*.

Transmitido diretamente dos estúdios da *allTV*, em São Paulo, o *Jornal Interativo* vai ao ar de segunda a sexta, das 18h às 20h. Divulga as principais notícias do Brasil e do mundo e é comandado pelos jornalistas e apresentadores Amanda Klein e Vinícius Costa. Inicialmente, o *Jornal Interativo* era apresentado por Amanda Klein e Marcos Barrero.

Completam a equipe do programa, segundo informações de Klein, por *e-mail*, os “web repórteres” Guy Barreto, Rafael Vinhas, Nara Teixeira (estagiários) e Marcela Brandão (jornalista). Os responsáveis pela produção – que organizam e coordenam o jornal – são Luciane Lima (jornalista) e Rafael Vinhas.

A transmissão dos programas da *allTV* é realizada em *streaming*, através da compactação *MPEG4* e codificação da imagem pelo programa *Windows Media Player*. A *allTV* anuncia o arquivamento dos programas e a possibilidade de acesso *on-demand*. No entanto, os vídeos arquivados que solicitamos, em busca no próprio site, não puderam ser exibidos. A mensagem de erro apareceu ao longo das tentativas.

### **3.4. *Jornal do Terra: à Internet o que é da TV?***

Neste tópico, é relatado o resultado da observação, durante quinze dias, do programa exibido pela *TV Terra*, o *Jornal do Terra*, cujo conteúdo e formato são bases para as conclusões aqui pretendidas. A apresentação dos resultados da análise será feita a partir do seguinte roteiro temático: *Percurso técnico, Primeiras impressões, Estilo e padrão de apresentação, Exploração dos recursos, Interatividade e “Ruídos” na transmissão*.

### 3.4.1. Percurso técnico: o “antes” da transmissão

Para bom internauta, um *link* visível basta. O acesso ao conteúdo da *TV Terra*, sobretudo ao *Jornal do Terra*, objeto de pesquisa do referido estudo, depende de um “clique” na indicação “*Assista Agora*”, no próprio site. A partir daí, a transmissão começa. A imagem busca estabilização, mediante o constante recebimento de dados – *streaming* – para a reprodução do programa ao vivo.

A *TV Terra* funciona em janela separada (*ver Anexos – Figura 1*)<sup>41</sup>. Nesse mesmo espaço, aparecem, além do conteúdo da TV, imagens e propagandas de patrocinadores fixos, sendo eles, no período de análise – de 1º a 15 de março –, *Ford*, *Speedy* e *HP*. O maior comercial é o da *Pick-up Ford Ranger*, um retângulo na vertical, em movimento e com possibilidade de “clique” para a página da empresa automobilística.

Além disso, há referência ao serviço *Terra Banda Larga*, com propaganda – também em movimento – que convida internautas a se tornarem assinantes do provedor *Terra*. Como clientes, os usuários podem assistir aos vídeos em *Banda Larga*<sup>42</sup>, com “mais qualidade e mais velocidade”.

Há opção, acima do espaço de exibição da programação, para escolha da “banda”. O acesso é gratuito para aqueles que desejam assistir à *TV Terra* com velocidades de *56k* até *100k*. Para aproveitar a programação com mais qualidade e velocidade de transmissão, através da banda de *190k*, o telespectador deve ser assinante do portal *Terra*<sup>43</sup>. Esse ponto nos remete à consideração de Ferraz de Abreu e Branco (s.d.) que atentam para a necessidade de cuidado

---

<sup>41</sup> A *TV Terra* foi acessada, durante o período de análise, a partir do programa *Internet Explorer*, da *Microsoft*.

<sup>42</sup> O termo faz referência às ligações de maior velocidade à Internet. A expressão é utilizada para caracterizar as linhas dedicadas e de alta transmissão de dados, com capacidades muito superiores às dos serviços analógicos. (Fonte: [http://www.internet.gov.pt/oque\\_bl/index.asp](http://www.internet.gov.pt/oque_bl/index.asp) - 06/4/2005 às 16h44)

<sup>43</sup> Para o estudo, foi utilizado o serviço para assinantes e os vídeos puderam ser observados com o máximo de qualidade possível.

específico com os conteúdos. Devido às “limitações técnicas” – de transmissão de dados e a largura de banda disponível para o acesso – a exploração das capacidades da convergência pode mostrar-se deficiente, uma vez que há o “desconhecimento de uma nova linguagem de produção audiovisual interativa”. (FERRAZ DE ABREU, BRANCO, s.d., p. 6)

A *TV Terra* oferece, durante os programas ao vivo, salas de bate-papo vinculadas ao programa *Jornal do Terra*. No entanto, para abrir uma janela que tenha, a ela integrada, a sala de bate-papo, o internauta deve acessar a página do programa (<http://tv.terra.com.br/jornaldoterra>), no horário da edição, e clicar na janela que anuncia o boletim extraordinário. Somente a partir desse *link* o *chat* do *Jornal do Terra* aparece integrado à janela de transmissão. Seguido tal procedimento, o internauta escolhe a sala, o nome ou apelido, e tem acesso às “dependências” virtuais do *Jornal do Terra*.

#### 3.4.2. Primeiras impressões: TV na Internet

O trabalho de análise, após levantamento teórico aprofundado sobre as tecnologias, as mídias, a convergência e a definição do que viria a ser “experimentalismo” e “reprodução de modelos”, refletiu algumas das observações e discussões previamente levantadas.

Inicialmente, quando o *Jornal do Terra* – edição de 15 horas – tem início, a primeira constatação é a de que, se não semelhante ao modelo dos telejornais tradicionais, o cenário e a apresentação revelam-se, de imediato, familiares. Ao assistir ao jornal, percebe-se que a seleção dos principais fatos do dia, a postura de apresentação da âncora e a forma de narrar as notícias seguem a estrutura já testada na televisão. De certa forma, o jornal espelha-se nos padrões e especificidades da antiga experiência televisiva. Essa idéia sobre a necessidade de o desenvolvimento da TV, em outro ambiente, dever ter como base as antigas experiências em televisão já foi mencionada e é defendida por Valter Bonasio (2002).

Dessa forma, nota-se, de imediato, que o programa é conduzido de forma que o conteúdo seja assimilado nos moldes do jornalismo televisivo já (re)conhecido. A apresentadora – Maria Lins – lê a abertura do programa e também as principais chamadas de cada tema. A seguir, entram repórteres que narram seus textos e reforçam, quando possível, com depoimentos gravados com as fontes.

Como primeira impressão, o jornal é fácil de assimilar, uma vez que mantém características similares às dos telejornais da TV tradicional. No entanto, ao perceber o excesso de gráficos e entrevistas, comumente realizadas por telefone, o jornal transforma-se em programa “para se ouvir” – chega a lembrar o modelo conduzido, no programa *Jornal da CBN*, pelo jornalista Heródoto Barbeiro, da rádio *CBN*. Nota-se, pois, o que Maria Elvira Federico (1982) comenta acerca do advento da televisão, quando a TV tornou-se o “veículo dos outros veículos”, isto é, servia tão-somente como reprodutora de modelos já testados em outras mídias – o rádio, por exemplo.

### 3.4.3. *Estilo e padrão de apresentação: o Jornal do Terra como veio ao público*

O *Jornal do Terra* começa com uma vinheta. Nela, há referência às editorias Brasil, Economia e Mundo. O cenário (*ver Anexos – Figura 2*) é de redação convencional e faz jus à tendência da TV tradicional em valorizar as redações, o movimento de pessoas, o trabalho jornalístico em si. Há telefones, mesas, televisores e uma tela de computador à esquerda da apresentadora<sup>44</sup>.

A apresentação é feita por Maria Lins, que, através de escalada, enumera os destaques da edição. Ela também convida o internauta a participar do *chat* – o convite é sempre feito com a frase-padrão “Participe com perguntas e comentários na sala de bate-papo. Não deixe

---

<sup>44</sup> Conforme descreve Bonasio (2002), esse é o modelo de cenário conhecido como “redação-estúdio”.

de teclar”. A leitura dos destaques faz lembrar muito a postura de voz mantida nos telejornais tradicionais, o que Pedro Paulo Carneiro (2002) constatou acerca do início da TV: o transporte de modelos. A estrutura da mídia já trabalhada – televisão tradicional – passa a servir de referência para o novo meio – televisão na *web*.

A apresentadora mantém uma postura “imparcial”, isto é, não emite comentários e juízos próprios acerca dos temas. Além disso, preocupa-se sempre em dizer frases como “Você está no *Jornal do Terra*”, ou mesmo “Este é o *Jornal do Terra*”, antes de ler algumas das aberturas de matéria e também durante entrevistas realizadas – aqui, denominaremos tal procedimento de “marcas de localização”. Esse comportamento reflete a preocupação, por parte dos idealizadores, em situar o espectador – que pode “chegar” a qualquer momento – como também em sanar possíveis problemas, uma vez que, conforme apontam Ferraz de Abreu e Branco (s.d.), existem limitações técnicas – tais como a “largura de banda” – que podem atrapalhar, em alguns momentos, a transmissão.

O encerramento, tal como a abertura, é padronizado. A apresentadora agradece a participação de todos os internautas e indica o site do *Jornal do Terra* ([www.terra.com.br/jornaldoterra](http://www.terra.com.br/jornaldoterra)). Nesse endereço, estão todas as notícias da edição, além de mais informações colhidas ao longo da programação. É rodada, novamente, a vinheta (a mesma que iniciou o programa). Logo após o seu encerramento, às 15h30, o jornal é reexibido, com a indicação de “gravado às 15h”.

#### *3.4.3.1. Participação de repórteres e exploração de recursos*

O *Jornal do Terra* conta com equipe de produção e repórteres, conforme observado no tópico 3.2. No entanto, é necessário apresentar de que maneira a participação ocorre.

Ao observar que o jornal mantém semelhanças com os modelos dos telejornais tradicionais, infere-se que também os repórteres assumem os mesmos papéis dos programas jornalísticos da antiga TV. Apesar disso, ocorre arrefecimento ainda maior – se considerados os recursos multimidiáticos à disposição – dessa participação.

Os repórteres, observados ao longo do período de análise não realizam passagens; não aparecem na tela, durante matéria ou reportagem, relatando fatos – um hábito nos modelos tradicionais. O repórter Fabiano Falsi é responsável por narrar o texto de sua reportagem, sem, no entanto, aparecer no vídeo. Falsi tem, como reforço, imagens de agências de notícia, como *Reuters* e *Atlas España* – devidamente creditadas na tela. Sua participação é gravada.

A jornalista Hérica Christian, por sua vez, é a correspondente do *Jornal do Terra* em Brasília. A repórter também faz o seu próprio texto, mas sua narração é realizada ao vivo. Porém, tal como Fabiano Falsi, Hérica não aparece. A participação acontece por telefone e surge, na tela, um gráfico (*ver Anexos – Figura 3*) com a imagem da repórter, o tema comentado, a indicação de um telefone celular e a localidade. Para os principais pontos da matéria, a jornalista conta com chamadas da apresentadora. Ao longo de sua inserção nas edições, a repórter recorre a trechos de entrevistas gravadas em outros momentos – ou por telefone ou diretamente com as fontes, com imagens da *TV Terra* –, intercalando esse material aos momentos em que apresenta o seu texto. Isso persiste até o encerramento de sua participação.

A atividade de ambos os repórteres realça a forma como alguns dos recursos são ou deixam de ser explorados. As imagens de agência revelam, por exemplo, que o *Jornal do Terra* não conta com correspondentes internacionais. Dessa forma, a única opção para reportagens ligadas à editoria *Mundo* é a redação de um texto a ser coberto com imagens – cedidas por agências de notícias. Vale ressaltar que não se sabe, ao certo, se tais conteúdos foram ou não produzidos para tal ambiente. A repórter Hérica Christian, por sua vez, tem sua

participação ilustrada, tão-somente, com recursos gráficos. Tais tipos de participação, nos quais o áudio é predominante, acabam por tornar o jornal “bom de se ouvir”.

Além disso, ocorrem entrevistas no *Jornal do Terra*. A maioria delas foi ilustrada com gráficos – que indicam o nome da fonte, a função e o assunto – e conduzidas por telefone. Mas há, também, a possibilidade da entrevista presencial, com a fonte de informação posicionada num cenário com fundo azul, próximo à apresentadora – os cenários são distintos, mas ambos, através do diálogo, sugerem proximidade entre os ambientes. Há de se considerar, ainda, que a imagem estática predomina ao longo do jornal e chega a entrar em conflito com os comerciais, na mesma janela, em constante movimento.

Pierre Lévy (1993) considera que dependerá do meio o formato e o estilo da mensagem. O meio – *TV na Internet* – está definido. Por que, então, formato e estilo fazem lembrar os programas da antiga televisão, com as mesmas formas de abertura e encerramento? Por que o formato mostra-se, em alguns momentos, preso ao recurso do áudio?

Segundo Manuel Castells (1999), as novas tecnologias estimulam, a partir dos computadores e das novas mídias, a possibilidade de unir experiências tecnológicas antigas – televisão, rádio – a serviço de um produto mais completo, isto é, munido de todos os recursos multimidiáticos disponíveis. Estamos, a partir da observação, diante de um produto mais completo? Ao que parece, não. E Castells já havia respondido à questão: “as novas tecnologias não são simplesmente ferramentas a serem aplicadas, mas processos a serem desenvolvidos”. (CASTELLS, 1999, p.51) Outro ponto importante para ilustrar a utilização ou não de recursos é a informação, narrada pela apresentadora, ao fim da edição, sobre o *site* do *Jornal do Terra*. Essa informação é lida e também exposta na tela. No entanto, não é oferecido qualquer *link* para conduzir o espectador, através do hipertexto, àquele conteúdo.

Isso contraria a afirmação de Maria Beatriz Bretas (1998) sobre a perspectiva interativa, para quem, “incorporando os recursos da telemática, a linguagem televisiva deverá

utilizar elementos em formato de hipertexto para propiciar interatividade”. (BRETAS, 1998, p.342) A partir desse exemplo – que reflete o não aproveitamento de um recurso e também indica “ruídos” – isto é, detalhes que comprometem o aproveitamento do jornal – na perspectiva interativa que, conforme Bretas (1998), emerge como tendência nesse novo meio –, partiremos para o tópico que trata, especificamente, da questão da interatividade.

#### 3.4.4. *Interatividade*

Para discutir a perspectiva interativa do programa *Jornal do Terra*, faz-se necessário, de antemão, abordar a baixa exploração de recursos multimidiáticos – apresentada no tópico anterior. O formato do jornal – nos moldes dos telejornais tradicionais – assegura rápida assimilação ao programa, considerando-se que o estilo já foi bastante testado e que tal modelo de produto jornalístico televisivo conta com referências de antigas experiências.

Ocorre, no entanto, que as TVs do ambiente virtual surgem com propósitos interativos, o que reforça a idéia defendida por Pierre Lévy (1993) de que espectadores poderiam participar, ativamente, do processo, devido às possibilidades oferecidas pelas novas tecnologias. Embora imerso na *web*, o *Jornal do Terra* traz, como já observamos, semelhanças com telejornais da TV tradicional, além de explorar pouco os recursos de imagem – apóia-se, em maior grau, aos recursos de áudio. Isso posto, se uma TV inserida no ambiente virtual reproduz modelos, como é possível que ela seja interativa? Manuel Castells (1999) diz que somente com o advento do computador a TV pôde libertar-se da tela. E, com isso, a audiência foi capaz de manifestar-se. O *Jornal do Terra* conseguiu libertar-se? Os espectadores têm voz na programação?

Apesar das semelhanças, há que se registrar a tentativa do *Jornal do Terra* de, através do recurso do *chat*, buscar a participação de seu público. Através desse canal, o espectador

pode enviar, em tempo real, comentários e perguntas à apresentadora e, de alguma forma, interferir na programação. No entanto, a voz ativa do espectador – apontada por Lévy (1993) – ainda deve esperar um pouco.

No *chat*, pouquíssimos internautas procuram enviar questões e participar da programação. Para constatar, ao longo do período de análise, se a participação do espectador era, de fato, registrada, foi necessário recorrer à “observação participante”. Escolhido o nome para entrar na sala de bate-papo – “Guilherme Amorim” – foi possível enviar questionamentos à apresentadora. No entanto, somente durante as entrevistas é que as opiniões foram registradas. Há, portanto, seleção do que será lido e, além disso, a manifestação do internauta só é narrada pela apresentadora caso ela perceba um “gancho” para adaptar o comentário/pergunta à entrevista.

Não notamos a participação da apresentadora no *chat* – ao menos sua possível presença na sala de bate-papo não foi anunciada. Ao longo da análise, percebeu-se que, em grande parte, as salas ficam “em silêncio”, sem, no entanto, estarem vazias. Há, inclusive, uma média de 6 internautas presentes no *chat*, mas que não proferem comentários<sup>45</sup>. Quando dizem algo, trata-se de temas paralelos e tentativas de conversa, tal como em uma sala de bate-papo comum.

Tais observações, sobretudo a respeito da participação ou não no *chat*, reforçam a idéia de Ferraz de Abreu e Branco (s.d) de que o espectador, em contato com o computador, é o responsável direto pelos comandos e pela seleção daquilo que irá ou não consultar. Aparentemente, diante do *Jornal do Terra* e suas semelhanças com o formato tradicional de telejornalismo, o espectador não se atenta à possibilidade de interação – tal avaliação pode ser justificada com a afirmação de Castells (1999) de que é o nível de interatividade quase nulo, oferecido ao espectador, que caracteriza a TV tradicional como sistema unidirecional. Com

---

<sup>45</sup> Média de usuários considerada durante o período de observação: de 01/3/2005 a 15/3/2005.

isso, a necessária “participação criativa do usuário”, citada por Gianfranco Bettetini (1993), deixa de existir e, com ela, o resultado da interação.

#### 3.4.5. “Ruídos”

A constatação – durante o período de análise – de que muitos dos participantes do *chat* não fazem comentários, não tentam interagir e, ainda, que tais comentários só sejam lidos em alguns momentos – durante as entrevistas e “se” seguirem a seqüência temática pretendida pela apresentadora – já leva à identificação de dois “ruídos”<sup>46</sup>. Se não há participação no *chat*, não existe interatividade. Além disso, quando existe participação na sala de bate-papo, ela é fruto de seleção, isto é, ganham voz tão-somente os comentários filtrados pela apresentadora. Tais “ruídos” comprometem a participação ativa, defendida por Pierre Lévy (1993), e reforçam, nesse caso, a constatação de André Parente (1993) de que, nessa idéia de interação, há meramente um “diálogo reduzido”, ou até mesmo sequer existe diálogo.

Embora já apontados nos tópicos anteriores, “ruídos” como a falha na transmissão – decorrente de detalhes e aspectos técnicos, sobre os quais Ferraz de Abreu e Branco (s.d) nos preveniram –, a recorrência às imagens de agências – “ruído” que revela a ausência de produção de conteúdo específica para esse meio – e a semelhança com os telejornais tradicionais devem ser apontados, pois, de certa forma, comprometem o propósito comunicativo do programa. A essa reprodução de modelos, Nelson Hoineff (1996) confere o “temor de experimentar o que possa dar errado isoladamente”. (HOINEFF, 1996, p.153)

---

<sup>46</sup> Ruído pode ser compreendido como “tudo o que dificulta a comunicação, interfere na transmissão e perturba a recepção ou a compreensão da mensagem”. (BARBOSA, RABAÇA, 2001, p.653) São exemplos de ruídos, segundo os próprios autores, a mensagem mal-estruturada, ou mesmo a mensagem transmitida com entonação inadequada.

Por fim, vale ressaltar como “ruído” a repetição de matérias ao longo da edição de 30 minutos<sup>47</sup>. Houve momentos em que o conteúdo foi repetido sem qualquer justificativa. Tal questão abre brechas para duas considerações. Primeiro, a repetição pode ser tomada como medida de atenção aos desejos dos internautas e a existência de preocupação com a perspectiva interativa – por exemplo, caso haja solicitação de um internauta para que o conteúdo seja reexibido. Por outro lado, a questão também desponta como “ruído”, em razão do curto período do jornal, que perde volume de informações. Vale lembrar que o *Jornal do Terra* é reapresentado logo após o seu encerramento.

### **3.5. Jornal Interativo: um novo modelo?**

Neste tópico, é traçado o resultado da observação, por quinze dias, do programa exibido pela *allTV*, o *Jornal Interativo*. Tal como no item anterior, a apresentação dos resultados da análise respeitará o seguinte roteiro temático: *Percurso técnico, Primeiras impressões, Estilo e padrão de apresentação, Exploração dos recursos, Interatividade e Ruídos na transmissão*.

#### *3.5.1. Percurso técnico: o “antes” da transmissão*

Para acionar a programação da *allTV*, o internauta deve ir à página inicial da *WebTV* ([www.alltv.com.br](http://www.alltv.com.br)). No site, o usuário encontra a chamada “Veja e interaja ao vivo”, na qual deve clicar para, então, começar a assistir.

Após o “clique”, é aberta uma janela específica para esse fim. Há, do lado esquerdo e no alto, o espaço para a imagem. Abaixo, o emblema, em movimento, do patrocinador –

---

<sup>47</sup> Durante a observação, a reportagem “Capturado crocodilo que matou mais de 80 pessoas em Uganda”, do dia 11 de março de 2005, chegou a ser exibida três vezes, ao longo da mesma edição.

*Infraero*. À direita, está o espaço para digitar *e-mail* e senha. Essa é a exigência para que os usuários da *allTV* acessem o *chat*. Um cadastro deve ser feito, com os principais dados e a escolha de um *login* – nome de usuário. Realizado tal procedimento, o *chat* encontra-se disponível para acesso.

Não há, na janela de transmissão (*ver Anexos – Figura 4*), detalhes referentes à qualidade dos vídeos, e distinções para assinantes, como ocorre na janela da *TV Terra*. Também não existe uma página própria do *Jornal Interativo*, com as principais notícias, à maneira do *Jornal do Terra*.

Quanto à sala de bate-papo, não se trata de *chat* oferecido somente durante os programas ao vivo, e especificamente para cada produto, como ocorre na *TV Terra*, na qual existem salas de bate-papo distintas para os programas, tais como *Jornal do Terra* e *Esportes TV*. Na *allTV*, há o mesmo *chat* para toda a programação. Dessa forma, ao contrário do serviço da *TV Terra*, não é o internauta quem deixa a sala para entrar nas salas de bate-papo dos próximos programas. Na *allTV*, quem entra e sai dos *chats* são os apresentadores.

### 3.5.2. Primeiras impressões: fatos narrados e sem imagens?

Diante do conteúdo da *allTV*, sobretudo em contato com o *Jornal Interativo* – exibido, de segunda a sexta, de 18 às 20 horas – apenas revelam-se familiares, nos padrões da TV tradicional, a existência de cenário fixo e a presença de dois apresentadores – Amanda Klein e Vinicius Costa.

Percebe-se, de imediato, um jornal diferente – sobretudo se comparado ao *Jornal do Terra*. No *Jornal Interativo*, a participação dos apresentadores no *chat* é freqüente – Amanda Klein utiliza o apelido “*mandy*” e Vinicius Costa é “*peruquinha*”. Além disso, existe atenção dada, pelos âncoras, aos participantes que entram, pela primeira vez, na programação.

Momentos em que os apresentadores interrompem a narração dos fatos para dar boas-vindas, informar os horários do programa, especificar as discussões daquele momento e revelar quem são. Isso ocorre não só ao vivo, como também no *chat*, no qual, exclusivamente, os apresentadores dizem quem são por trás dos *nicks*<sup>48</sup>.

O que se verifica, no entanto, fora da perspectiva interativa, é a maneira como os apresentadores narram as notícias e fatos. Durante todo o tempo, não há imagens para ilustrar as informações. Vinícius Costa e Amanda Klein lêem todas as notícias diretamente na tela do computador. Além disso, discutem as questões jornalísticas, a partir dos pontos apresentados, com os internautas e também entre eles. Vale ressaltar que as discussões são válidas, pois desdobram os fatos e atentam para as diversas nuances relacionadas às informações.

A leitura de notícias, em um primeiro contato, confere certo “ruído” ao jornal, já que a narração de fatos torna o programa, em parte, “carregado”. Isto é, apoiado num só recurso, por estimular tão-somente a recepção auditiva do espectador. Ferraz de Abreu e Branco (s.d.) apontam que, por ser um campo ainda em formação, a exploração das capacidades da convergência *TV-Web* ainda é lenta – mas será tão lenta a ponto de não utilizar imagens em programa jornalístico voltado para uma *WebTV*?

### 3.5.3. *Estilo e padrão de apresentação: narração contínua e opinião vasta*

O *Jornal Interativo*, após apresentação de sua vinheta, tem início. O cenário (*ver Anexos – Figura 5*) é fixo, com a logomarca da *allTV* ao fundo e um painel alaranjado. Os apresentadores estão em cadeiras e contam com computadores à disposição – ferramenta essencial para a participação no *chat* e a apresentação das notícias.

---

<sup>48</sup> Nome/apelido utilizado nas salas de bate-papo.

Os apresentadores dão boas-vindas àqueles internautas presentes na sala de bate-papo e enumeram os principais destaques a serem discutidos na edição – é comum a frase “Está no ar mais um *Jornal Interativo*, ao vivo para o Brasil e para o mundo”, na abertura feita pelos apresentadores.

Após saudações e chamadas dos principais fatos do dia, o conteúdo começa a ser explorado definitivamente. Todas as notícias são lidas pelos apresentadores na tela do computador. A câmera mantém-se fixa no apresentador que está narrando – é possível ouvir, ao mesmo tempo, a digitação, por parte do apresentador que não está sendo filmado, em sua interação nas discussões do *chat*. A participação na sala de bate-papo reflete o posicionamento de Nelson Hoineff (1996) acerca da capacidade interativa como responsável pela modificação nas relações entre o espectador e seu receptor de TV. Isto é, diante da possibilidade de se criar nova linguagem e novos modelos, baseados na perspectiva interativa, o que há é o “enfraquecimento do monopólio da TV genérica e a disseminação de novas formas estéticas”. (HOINEFF, 1996, p. 142) Com isso, a audiência e os produtos modificam-se e as idéias de produção e veiculação não mais guardarão “a mínima semelhança com a noção que hoje delas se faz”. (HOINEFF, 1996, p.144)

Embora tenha sido ressaltada a questão da leitura freqüente de notícias, sem reforço de imagens, vale destacar que, na apresentação do conteúdo, no próprio momento de leitura das informações disponíveis na tela dos apresentadores, há construção de estilo próprio para a condução do jornal. Vinícius Costa e Amanda Klein procuram, a todo momento, falar continuamente, intercalando as discussões entre uma notícia e outra.

A maneira como exploram os desdobramentos dos assuntos abordados também confere, ao jornal, formato diferenciado. Os apresentadores, seja a partir de uma notícia do dia, ou mediante comentário proferido no *chat*, resgatam informações e constroem

argumentação com base nos pontos explorados. Após lerem as notícias, os âncoras procuram explicar, na seqüência, a informação dada, tentando torná-la mais compreensível, assimilável.

Também marca o estilo de apresentação a existência de comentários e opiniões dos apresentadores. Há momentos em que, por exemplo, Vinícius Costa posiciona-se acerca da questão do aborto – “Sou completamente a favor da liberalização do aborto, sim (...) É a mulher que tem que decidir”<sup>49</sup>. Já Amanda Klein revela, por exemplo, considerações próprias sobre o presidente Lula, sendo, por vezes, irônica, ao comentar que o presidente sofre de “incontinência verbal”<sup>50</sup> – referindo-se ao discurso de Lula sobre casos de corrupção do governo anterior. Nota-se preocupação em conferir, ao produto televisivo, certa diferenciação em relação aos telejornais tradicionais. Conforme a consideração de Castells (1999), o reconhecimento de que a audiência pode ser sujeito interativo permite que a mídia seja transformada e, conseqüentemente, encontre abertura para maior relação com o público. Segundo Castells, este é “o presente e o futuro da televisão: descentralização, diversificação e adequação ao público-alvo (...) a mensagem do meio está moldando diferentes veículos de comunicação para diferentes mensagens”. (CASTELLS, 1999, p. 365)

A existência de espaço para considerações pessoais dos apresentadores confere, ao *Jornal Interativo*, linguagem mais branda se comparada à dos telejornais tradicionais e ao *Jornal do Terra*, objeto de nosso estudo comparativo. Há, ainda, flexibilidade quanto aos comentários, momentos de descontração e tolerância quanto aos possíveis “ruídos”. Ao que parece, o texto, neste novo meio, tal como aponta Pollyana Ferrari (2003), é agora direcionado ao espectador, que poderá ajudar na construção da informação e decidir quanto, quando ou “se” irá buscar informação.

---

<sup>49</sup> Comentário feito pelo apresentador Vinícius Costa durante a edição do *Jornal Interativo* do dia 11 de março de 2005.

<sup>50</sup> Comentário feito pela apresentadora Amanda Klein durante a edição do *Jornal Interativo* do dia 8 de março de 2005.

### 3.5.3.1. Participação de repórteres e exploração de recursos

Além do conteúdo lido pelos âncoras, há também a participação de repórteres que, diretamente da redação da *allTV*, oferecem notas sobre alguns dos temas escalados no início da edição. Guy Barreto, Marcela Brandão, Rafael Vinhas e Nara Teixeira – *web repórteres* do *Jornal Interativo* – participam do programa em outro ambiente.

A inserção dos *web repórteres* na edição não tem horário fixo, nem ordem definida. A participação varia conforme a produção das notas, o que ocorre ao longo da transmissão. Assim que os textos são finalizados, a informação chega aos âncoras que anunciam “novas informações diretamente da redação da *allTV* com mais um *web repórter*”. É rodada uma vinheta e a tela é dividida ao meio, com imagem tanto do apresentador (ver Anexos – Figura 6), à esquerda, como do *web repórter*, à direita. A seguir, é lida, por Amanda Klein ou Vinícius Costa, breve chamada sobre o assunto, e, então, a câmera concentra-se no *web repórter*. Vale ressaltar que a nota produzida é impressa e lida em folha que se encontra na mão do repórter. Todos os *web repórteres* encerram suas participações com a frase-padrão “*allTV* é assim: informação”.

Não há, visivelmente, *teleprompter*<sup>51</sup> à disposição dos repórteres e nem mesmo para os apresentadores. Todos os textos do jornal são essencialmente lidos – em folhas ou na própria tela do computador –, com momentos em que a narração é feita sem que os jornalistas olhem para a câmera. Além disso, não há equipes para reportagens de rua, segundo informações, cedidas por *e-mail*, pela apresentadora Amanda Klein<sup>52</sup>.

---

<sup>51</sup>*Teleprompter* é um aparelho cuja função é "rodar" o texto a ser lido pelos apresentadores de um telejornal. Faz com que os apresentadores não tirem os olhos das câmaras e, conseqüentemente, não baixem os olhos, o que pode despertar o desinteresse do espectador. (Fonte: <http://www.assessotecteleprompter.com.br/produtos.htm> - acesso em 19/4/2005 às 16h40)

<sup>52</sup>As únicas imagens oferecidas, ao longo do período de análise, foram da TV aberta. Simplesmente foi jogada na tela da *allTV* a imagem do programa *Brasil Urgente*, da rede de televisão *Band*, em exibição no mesmo horário. Outro procedimento foi a filmagem da própria tela do computador para mostrar uma foto disponível no site da *Folha Online* (<http://www.folhaonline.com.br>). Houve, porém, nítido comprometimento da qualidade visual.

Ao que parece, a *WebTV* ainda encontra dificuldades para moldar os produtos informativos à especificidade tecnológica do meio e utilizar os aparatos tecnológicos, da melhor maneira, como transmissores de conteúdos informativos. Os novos canais de comunicação, segundo Castells (1999), provindos de uma integração da produção e distribuição das palavras, ainda não se libertaram da TV tradicional.

#### 3.5.4. *Interatividade*

O diferencial da *allTV* está em seu propósito interativo, perspectiva que, conforme Bretas (1998), emerge como tendência nos novos modelos e códigos televisivos propostos. A principal ferramenta interativa do *Jornal Interativo* – e da própria *WebTV* – é o seu *chat*.

Os apresentadores participam efetivamente da sala de bate-papo, seja orientando os novos participantes, ou mesmo debatendo enquanto o outro profissional narra informações ou responde questões levantadas pelos internautas presentes. Vinícius Costa e Amanda Klein sempre procuram esclarecer, aos novos usuários, qual é a temática do programa, quem são os âncoras e o que está em discussão. A frase “Aqui é o apresentador Vinícius Costa. Esse é o *Jornal Interativo*” é frequentemente utilizada pelo âncora, tanto no *chat* como diante das câmeras.

Não só no *chat* há tal preocupação em valorizar e realçar a participação dos internautas no programa e conferir – ou, quem sabe, sugerir – o papel de construtores ativos da informação, definido por Pierre Lévy (1993) como o diferencial possibilitado pelas novas tecnologias. Os apresentadores reconhecem os participantes, o que pôde ser observado mediante a já mencionada “observação participante”. Após quinze dias de participação, com a utilização do *login* “Guilherme Amorim”, tive meu nome lido, no momento das saudações aos internautas, e comentado pelo apresentador Vinícius Costa – “Guilherme Amorim também

está aqui, ele que tecla de Belo Horizonte”. Esse controle dos participantes, o reconhecimento de novos internautas e o próprio ato de ler os nomes no ar reforçam a preocupação com a questão interativa e o desejo de mostrar, ao espectador, que o internauta atua ativamente no processo.

No entanto, para falar de interatividade, é necessário que se estenda a noção do que é o propósito interativo. De que forma o internauta pode interferir no *Jornal Interativo*? Boa parte dos comentários proferidos, no *chat*, a respeito dos temas em pauta, é lida ao fim das explanações e considerações, o que gera, muitas vezes, novos debates entre os apresentadores, bem como explicações sobre desdobramentos dos casos discutidos. Contudo, aparecem na programação somente os comentários selecionados, pelos âncoras, para leitura. De certa forma, a interatividade é orientada e a participação ocorre a partir dessa escolha. Volta à tona, pois, a consideração de Gianfranco Bettetini (1993) de que deve ser levada em conta a participação criativa do usuário. Afinal, o usuário

interage com o sistema segundo possibilidades que são pré-ordenadas e definidas; o resultado da interação, porém, não é totalmente previsível. O usuário de fato opera uma série de escolhas que, em sucessão, geram um produto novo e dão então origem a uma situação não totalmente pré-codificada: os percursos são pré-ordenados, os resultados, ao contrário, dependem de operações que vão sendo pouco a pouco realizadas pelo usuário. (BETTETINI, 1993, p.61)

Embora não existisse, em 1993, a participação de usuários tal como pretendemos elucidar sobre a televisão na *web*, a afirmação de Bettetini torna-se atual a partir do momento em que discute a limitação do propósito interativo, limitado à reação aguardada pelos produtores do *Jornal Interativo*. Isto é, participam do processo de construção do conteúdo aqueles que tenham comentado especificamente sobre o tema em pauta. O controle dos assuntos não é entrave ao propósito interativo, mas nos remete para o terreno da imprevisibilidade, ressaltado por Bettetini (1993). Afinal, boa parte das reações dos espectadores é, justamente, imprevisível.

### 3.5.5. “Ruídos”

Os principais “ruídos” percebidos no *Jornal Interativo* revelam-se não em tentativas isoladas de trabalhar os conteúdos no novo meio – a *WebTV* – mas nos momentos em que, visivelmente, recursos diferenciais e convergentes no terreno multimidiático – som, imagem, hipertexto – deixaram de ser explorados.

A ausência de imagens, em uma *WebTV*, remete-nos à consideração de Pedro Paulo Carneiro (2002) sobre o início da televisão tradicional. Os primeiros programas da antiga TV traziam semelhanças com a linguagem do rádio. Em contrapartida, a imagem, diferencial do novo meio, não contava, ainda, com atenção especial. Posteriormente, foi observada a existência de duas mídias distintas, cada qual com suas especificidades. Assim, o rádio – com o recurso auditivo – e a televisão – com imagem e som – ganharam forte identidade dentro de seus limites e possibilidades.

Com o advento da Internet, tem-se a possibilidade de reunir, conforme aponta Castells (1999), todos os recursos multimidiáticos disponíveis. Afinal, está ocorrendo

a integração de vários modos de comunicação em uma rede interativa. Ou, em outras palavras, a formação de um Supertexto e uma Metalinguagem que, pela primeira vez na história, integra no mesmo sistema as modalidades escrita, oral e audiovisual da comunicação humana. (CASTELLS, 1999, p. 354)

No entanto, a partir do momento em que a *WebTV* oferece programa de conteúdo jornalístico sem a utilização e a possibilidade de imagens, mas com forte concentração no aspecto sonoro – a leitura das notícias, a câmera fixa nos apresentadores que lêem, por vezes olhando para baixo – revela a dificuldade em promover a integração anunciada por Castells (1999). A utilização demasiada dos recursos de áudio revela-se um “ruído” determinante, sobretudo se considerado o alcance da televisão no ambiente virtual e as suas diversas possibilidades de convergência.

Além disso, a recorrência às imagens veiculadas pelas emissoras da TV tradicional também pode ser apontada como “ruído”, uma vez que, levar para a *web* o formato da antiga TV, de acordo com Carneiro (2002), tende a não dar certo. “Será preciso muito mais conteúdo do que o necessário atualmente na televisão que temos”. (CARNEIRO, 20002, p.28) Por mais que existam limitações quanto à equipe disponível para o trabalho fora das redações, recorrer aos produtos da TV tradicional – conteúdos que não foram produzidos para a Internet – seria uma forma de manter relações estreitas com o que Hoineff (1996) chamou de “programar o espectador para ter a mesmice como padrão”.

Outro “ruído” diz respeito à participação dos *web repórteres*. Foi recorrente, durante o período de análise, os deslizes na leitura de notas. Ao apresentarem suas notas jornalísticas, alguns *web repórteres* perdem-se na leitura, manifestam dúvidas quanto ao que redigiram – recheando o texto de pausas desnecessárias. Até mesmo risos foram observados ao longo da narração das informações<sup>53</sup>. Com isso, a informação perde seqüência lógica e o propósito informativo acaba comprometido.

Não se pode, conforme aponta Hoineff (1996), acreditar que “o usuário que surfa pela Internet, aleatoriamente até, não esteja concentrado no que está fazendo”. Afinal, segundo o próprio autor, a dispersão é tão-somente uma resposta estética do espectador frente à maneira como determinado conteúdo foi-lhe apresentado. Se, de alguma forma, é a idéia de dispersão do público o que justificaria tais deslizes pelos *web repórteres*, tal justificativa acaba de ser desconstruída por Hoineff.

Apesar de se configurarem como “ruídos”, os erros de entonação, pausas e deslizes de leitura, cometidos pelos *web repórteres*, realçam a argumentação de Brasil (2002) de que, “com o telejornalismo digital temos a possibilidade de errar, cabendo ao espectador interagir,

---

<sup>53</sup> Vale ressaltar que a naturalidade, a linguagem branda e a descontração podem ser sinais da nova interatividade. No entanto, especificamente durante a leitura das notas jornalísticas, o riso desponta como “ruído”, uma vez que confere à mensagem transmitida “entonação inadequada para os objetivos da comunicação”. (BARBOSA, RABAÇA, 2001, p.653)

comunicar, dizer onde está havendo erros e acertos, se funciona ou não”. (BRASIL, 2002, p.44)

Um exemplo de “ruído”, que se encaixa na avaliação de Brasil (2002), foi verificado na edição do dia 10 de março de 2005. Vinícius Costa e Amanda Klein começaram o programa como se fosse o dia 11 de março. Conseqüentemente, falaram, durante 15 minutos, sobre o atentado de 11 de março, ocorrido em Madrid, na Espanha, em 2004. Os internautas do *chat* logo tentaram alertá-los, mas a confusão das datas só foi desfeita no momento em que o aviso da produção chegou aos apresentadores – curiosamente, uma informação tão simples só foi reparada após 15 minutos. Ambos desculparam-se pela confusão e chamaram o intervalo. Embora tenha sido tratado com descontração, trata-se de “ruído” que, de alguma forma, perturbou “a recepção ou a compreensão da mensagem”, tal como apontam Barbosa e Rabaça (2001), ao definirem o próprio conceito de “ruído”.

Outros “ruídos” dizem respeito a questões técnicas<sup>54</sup> que, conforme Ferraz de Abreu e Branco (s.d.)<sup>55</sup>, são explicados pelas limitações existentes, seja para a transmissão, pela emissora, ou para recepção do conteúdo, pelos espectadores. Além disso, as condições para transmitir os dados – velocidade de conexão, equipamento disponível para acessar, programas requeridos, instalados – também têm sua parcela de responsabilidade.

Contudo, vale ressaltar que, diante de um produto jornalístico cujo objetivo é ampliar o propósito interativo, a identificação dos “ruídos” não significa que, no referido estudo, não sejam valorizadas as experiências relativas a formatos, estilos e apresentação dos produtos voltados ao ambiente virtual. No entanto, é nosso objetivo identificar se a interatividade e a escolha de como contar uma história, nas TVs do ambiente virtual, tal como apontou Cora

---

<sup>54</sup> A página da *allTV*, por exemplo, manteve-se inacessível durante a primeira hora do *Jornal Interativo*, no dia 11 de março de 2005. Outro “ruído” relacionado a questões técnicas é a falha de transmissão, percebida, por exemplo, com o congelamento da imagem e a interrupção do áudio.

<sup>55</sup> <http://www.bocc.ubi.pt/pag/abreu-ferraz-convergencia-TV-Web.pdf> - acesso em 21/2/2005 às 10h32.

Rónai (2002), “são realmente abertas a todas as possibilidades de comunicação”. (RÓNAI, 2002, p.56)

### **3.6. Análise comparativa**

Ao analisar os produtos informativos *Jornal do Terra* e *Jornal Interativo*, ambos voltados para o ambiente virtual, foram comprovadas considerações como a de Pedro Paulo Carneiro (2002), acerca do transporte de modelos do início da televisão, ou mesmo de Antonio Brasil (2002), sobre a importância de se fugir dos modelos convencionais para que os produtos sirvam ao novo público e instaurem o diálogo de todas as mídias.

Após observar tais programas jornalísticos, é possível, em comparação, fazer algumas distinções. O *Jornal do Terra* é o produto que mais se aproxima do modelo da chamada *TV na Internet*, isto é, a TV que em nada se diferencia da televisão tradicional, muito embora seja transmitida na *web*. Assim, temos dentro da rede, conforme a consideração de Carneiro (2002), “a mesma formatação de direção, de linguagens de câmera, de cenários e conteúdos idênticos aos da televisão”. (CARNEIRO, 2002, p.28)

O *Jornal Interativo*, por sua vez, é um produto de *WebTV*, feito na Internet, para a Internet, e com a utilização de recursos da rede, inclusive com interatividade em tempo real – o *chat*, por exemplo.

Pode parecer estranho que tal distinção entre os programas, associados aos modelos com os quais mantém semelhanças, tenha sido apresentada sem considerar-se que o *Jornal do Terra* também oferece uma sala de bate-papo. Contudo, cabe, para determinar as razões de tal diferenciação, partir da consideração de Brasil (2002) de que buscamos, na Internet, “uma interatividade e uma participação do público que jamais encontramos na velha TV” (BRASIL, 2002, p.10)

De fato, ambos os produtos informativos disponibilizam o *chat* para seus espectadores. No entanto, a divergência entre a forma como o conteúdo é apresentado interfere diretamente no propósito interativo.

O *Jornal do Terra*, como observado no referido estudo, mantém semelhanças com os programas jornalísticos da TV tradicional, sobretudo quando apresenta os mesmos detalhes de cenário, narração de notícias e linguagem. Dessa forma, mesmo com a presença de um recurso que estende a possibilidade de interação – a sala de bate-papo –, tal propósito não é plenamente atingido. O espectador reconhece o *chat*, mas não entende como pode utilizar seu esforço interativo a serviço de um produto que o remete à experiência “unidirecional”<sup>56</sup> da antiga TV. Não há, por tudo isso, porque “buscar o diferente se é a televisão que programa o espectador para ter a mesmice como padrão” (HOINEFF, 1996, p.153).

O *Jornal Interativo*, por outro lado, representa um modelo que, embora ainda preso às limitações de um recurso – o apoio excessivo no áudio –, é diferencial, dentro de uma perspectiva interativa, pela singularidade. Os apresentadores manifestam opiniões, narram os conteúdos de maneira diferente do que ocorre nos telejornais tradicionais, mas, sobretudo, entram em contato com o espectador através do *chat* e com ele constroem as informações.

Reside justamente na capacidade de tornar imprescindível a participação no *chat*, e, de certa forma, sugerir que, sem o telespectador, o programa não terá seqüência, a diferença entre tais produtos informativos. O *Jornal Interativo* permite ao internauta perceber-se como co-autor, a partir das ferramentas, participar criativamente. Por outro lado, o excesso de semelhanças com o modelo de telejornais da TV tradicional, percebido no *Jornal do Terra*, ofusca a proposta interativa do *chat*, por mais que o recurso esteja à disposição. Conforme já observado por Hoineff (1996), é justamente a capacidade interativa

que vai modificar as relações do espectador com o seu receptor de TV, provocando o surgimento de uma televisão na qual as idéias de produção e veiculação não

---

<sup>56</sup> Caracterização feita por Castells (1999).

guardarão a mínima semelhança com a noção que hoje delas se faz. (HOINEFF, 1996, p.144)

Vale ressaltar, ainda, que embora os produtos jornalísticos analisados atentem para a perspectiva interativa que, segundo Maria Beatriz Bretas (1998), “coloca-se como tendência”, ambos encontram dificuldades em conciliar as mídias dentro de um plano de integração entre os recursos de áudio, vídeo e texto.

Tanto o *Jornal do Terra* como o *Jornal Interativo* apóiam-se, excessivamente, no recurso do áudio, tornando-se, por vezes, semelhantes a produtos veiculados na mídia radiofônica. As limitações de equipe e recursos – tais como a ausência de repórteres de rua ou mesmo a falta de equipamentos para esse tipo de participação – podem explicar, em parte, a dificuldade, mas não deveriam justificar a ausência de aproveitamento de todas as ferramentas. Afinal, existem modificações no código televisivo que, de acordo com Bretas, são influenciadas pelas novas formas de interface com os usuários. A televisão, dentro da *web*, necessita, assim, de “novos modos de viabilizar as imagens, dando à TV e ao vídeo alternativas”. (BRETAS, 1998, p. 334)

Somente assim as idéias de produção para a televisão na *web* vão poder, tal como aponta Hoineff (1996), deixar de guardar “a mínima semelhança com a noção que hoje delas se faz” (HOINEFF, 1996, p. 144), e, finalmente, liberta-se da tela.

## CONCLUSÃO

Desde o início de nosso estudo, procurou-se verificar as semelhanças entre o panorama do advento da televisão, em 1950, e a realidade das novas tecnologias no início do século XXI, quando a TV é inserida no universo virtual. Trata-se de épocas diferentes e desafios distintos, mas com dificuldades que, indubitavelmente, refletem-se como tendência frente à chegada do novo, do inesperado.

Observamos que a partir do momento em que a televisão despontou, na segunda metade do século XX, no Brasil, como inovação, não houve, em um primeiro momento, preocupação direta com a exploração do “novo”. Os profissionais, orientados por suas experiências com os meios e tecnologias antecedentes, acabaram por reproduzir os antigos modelos naquele outro espaço ampliado pelo avanço tecnológico.

Da mesma forma, a televisão na Internet emerge como novo caminho, sem também contar com parâmetros a serem adotados. Afinal, trata-se de terreno ainda pouco explorado e que, tal como pedia a TV, em 1950, necessita de estrutura adequada ao público e ao ambiente virtual.

O referencial teórico a respeito dos diversos momentos das inovações tecnológicas mostrou-nos que a questão sempre esteve centrada no “arriscar” e na “cautela”, no “experimentalismo” e na “reprodução de modelos”. Seja ao discutir perspectivas tecnológicas – sobretudo com Pierre Lévy (1993), Manuel Castells (1999), André Parente (1993) e Paul Virilio (1993) –, seja ao debater os rumos do telejornalismo digital e a perspectiva interativa – com Antonio Brasil (2002), Nelson Hoineff (1996), Ferraz de Abreu e Branco (s.d.), Pollyana Ferrari (2003), entre outros –, a postura a ser adotada frente à novidade sempre esteve em pauta.

Inicialmente, a discussão centrou-se na importância de libertar a TV, conferindo aos espectadores maior poder de interferência no conteúdo. Por outro lado, não descartamos as contribuições que conferiram ao debate certa “cautela”, ressaltando a necessidade de avaliar adequadamente os processos de comunicação para que, numa idéia de interação, não acabe por ocorrer um “diálogo reduzido”.<sup>57</sup>

Chegando-se à discussão específica sobre a mídia televisiva, podemos observar que as velhas formas, mantidas, são o reflexo da acomodação, do conservadorismo. A prova de que, na forma e no conteúdo os programas têm tendência a guardar semelhanças, em razão do medo de arriscar e do receio de experimentar isoladamente algo que possa vir a dar errado.

Na seqüência de nosso estudo, observamos que, diante das modificações no código televisivo, são necessárias formas diferentes de conciliar imagem, som e texto num novo universo, que sai do analógico e faz-se digital. É a perspectiva interativa colocando-se como tendência e, junto a ela, o esforço criativo dos produtores para alcançar, enfim, o formato ideal à televisão inserida no ambiente virtual.

A televisão, inserida na *web*, surge como produto de comunicação que precisará posicionar-se diante de novo público. Novas formas de interatividade revelam-se indispensáveis a uma geração que não mais estará enquadrada e/ou habituada a um tipo de participação passiva, mas preparada para receber conteúdo e também interferir na mensagem, no produto.

Atentos a essa perspectiva, partimos para a análise de dois produtos informativos, *Jornal do Terra (TV Terra)* e *Jornal Interativo (allTV)*, para compreender de que forma vem sendo trabalhada e produzida a televisão para a *web*. Seria recorrente a reprodução de modelos na produção de telejornais para a TV inserida na Internet? Os produtos televisivos

---

<sup>57</sup> Termo usado por André Parente (1993).

estariam realmente atentos à perspectiva interativa – tendência do novo meio –, tão comentada pelos teóricos?

O referido estudo constatou que assim como o advento da televisão não encontrou parâmetros para adotar, a não ser os já testados na produção radiofônica, na convergência *TV-Web* também não há parâmetros específicos sobre esse meio a serem adotados. No entanto, existem as experiências e estruturas já testadas na TV tradicional, o que, para profissionais que se formaram dentro do universo da antiga televisão, são referências de ciclos já percorridos e que, de alguma forma, deram certo.

No ambiente virtual, a reprodução é recorrente, sobretudo no programa do *Jornal do Terra*, o que, ao longo de nossa pesquisa, concluímos que é a razão pela qual o *chat* disponível não conta com muita participação. Afinal, diante do modelo antigo de programação, o espectador não teria razão para manifestar-se, visto que não encontra espaço na referência “unidirecional” da TV tradicional.

O *Jornal Interativo* é o produto que, de alguma forma, procura formato diferenciado. Com linguagem mais branda e maneiras de demonstrar a necessidade de participação do público, os profissionais conseguem, por exemplo, que a sala de bate-papo seja mais participativa – isso se comparada ao *chat* do *Jornal do Terra*.

As referidas TVs do ambiente virtual reconhecem a questão interativa, muito embora ainda não estejam preparadas para conciliar todas as possibilidades de comunicação. Há nítida dificuldade em se trabalhar todas as mídias – rádio, televisão, hipertexto – a serviço de um produto mais completo. Esse obstáculo foi observado com a identificação de apoio excessivo no recurso de áudio em ambos os produtos informativos.

No referido estudo, observa-se que é necessário às TVs da internet, primeiramente, escapar dos modelos convencionais e apresentar projetos que sirvam ao novo público. Produtos que absorvam, ao máximo, todas as possibilidades e recursos e que instaurem,

finalmente, o diálogo de todas as mídias (rádio, TV, Internet) que compõem a linguagem multimidiática. Nesse sentido, a solução para as TVs virtuais parece ser a chegada da *IPTV*, a partir da qual as emissoras poderão aprimorar a qualidade digital de suas transmissões, além de reduzir os entraves ao processo, em razão do contato direto entre usuário e emissora através de redes *IP*.

Antigamente, segundo teóricos, o sistema dominado pela TV era facilmente caracterizado como mídia de massa ou grande mídia. Assim, uma mensagem similar era direcionada a um número amplo de espectadores, entendidos pelos profissionais como público homogêneo.

No entanto, a TV, inserida na *web*, traz a possibilidade de contato direto entre espectadores e apresentadores, num diálogo que constrói, desconstrói e reconstrói o produto informativo. Um sistema de comunicação que tem como marca o seu alcance e sua possibilidade de integrar os meios de comunicação num espaço que potencializa a interatividade e, principalmente, torna a participação do público viável. Dessa forma, observa-se que, diante dessa nova perspectiva, nasce um equipamento que deixa de ser um fim, mas que passa a servir de meio para a democratização da televisão.

Para que as TVs da *web* encontrem as formas ideais de programação, é necessário, sobretudo, que se rompam as barreiras da acomodação, do excesso de cautela – é o momento de não ter medo de arriscar. Dessa forma, o espectador poderá livrar-se da programação padronizada e a TV, quem sabe, libertar-se efetivamente da tela.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Gustavo Guimarães, RABAÇA, Carlos Alberto. *Dicionário de comunicação*. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

BENOIT, Mandelbrot. *Fractais: uma forma de arte a bem da ciência*. In: PARENTE, André (org.). *Imagem-Máquina – A era das tecnologias do virtual*. Rio de Janeiro: editora 34, 1993.

BETTETINI, Gianfranco. *Semiótica, computação gráfica e textualidade*. In: PARENTE, André (org.). *Imagem-Máquina – A era das tecnologias do virtual*. Rio de Janeiro: editora 34, 1993.

BONASIO, Valter. *Televisão – Manual de Produção & Direção*. Belo Horizonte: Editora Leitura, 2002.

BRASIL, Antonio, ARNT, Hérís (orgs.). *Telejornalismo on-line em debate*. Rio de Janeiro: E-papers, 2002.

BRETAS, Maria Beatriz Almeida S. *Formas e expressões do conhecimento: introdução às fontes de informação*. IN: *Televisão e vídeo*. Belo Horizonte: Escola de Biblioteconomia da UFMG, 1998.

CAMPELLO, Bernadete Santos, CALDEIRA, Paulo da Terra, MACEDO, Vera Amália Amarante (orgs.). *Formas e expressões do conhecimento: introdução às fontes de informação*. Belo Horizonte: Escola de Biblioteconomia da UFMG, 1998.

CANAVILHAS, José Messias. *Considerações gerais sobre jornalismo na web*. Universidade da Beira Interior: s.d. In: <http://bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-webjornal.pdf>

CARNEIRO, Pedro Paulo. *Geração Digital*. In: BRASIL, Antonio, ARNT, Hérís (orgs.). *Telejornalismo on-line em debate*. Rio de Janeiro: E-papers, 2002.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

DÓRIA, Pedro. *Dogmas digitais*. In: BRASIL, Antonio, ARNT, Hérís (orgs.). *Telejornalismo on-line em debate*. Rio de Janeiro: E-papers, 2002.

FEDERICO, Maria Elvira Bonavita. *História da comunicação – Rádio e TV no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1982.

FERRARI, Pollyana. *Jornalismo Digital*. São Paulo: Contexto, 2003.

FERRAZ DE ABREU, Jorge Trindade, BRANCO, Vasco. *A convergência TV-Web: motivações e modelos*. Universidade de Aveiro: s.d. In: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/abreu-ferraz-convergencia-TV-Web.pdf>

GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Editora Atlas, 1999.

HOINEFF, Nelson. *A nova televisão – desmassificação e o impeasse das grandes redes*. Rio

de Janeiro: Relume Dumará, 1996.

KERCKHOVE, Derrick de. *O senso comum, antigo e novo*. In: PARENTE, André (org.). *Imagem-Máquina – A era das tecnologias do virtual*. Rio de Janeiro: editora 34, 1993.

LÉVY, Pierre. *As Tecnologias da Inteligência. O Futuro do Pensamento na Era da Informática*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

PARENTE, André (org.). *Imagem-Máquina – A era das tecnologias do virtual*. Rio de Janeiro: editora 34, 1993.

QUÉAU, Phillipe. *O tempo do virtual*. In: PARENTE, André (org.). *Imagem-Máquina – A era das tecnologias do virtual*. Rio de Janeiro: editora 34, 1993.

RIBEIRO, Renato Janine. *O papel do estudante universitário no Brasil hoje*. IN: *Maquinação*. São Paulo: LEU, outubro de 2004.

RÓNAI, Cora. *Internet e controle*. In: BRASIL, Antonio, ARNT, Hérís (orgs.). *Telejornalismo on-line em debate*. Rio de Janeiro: E-papers, 2002.

SODRÉ, Muniz. *O monopólio da fala*. Petrópolis: Vozes, 1981.

VIRILIO, Paul. *O espaço crítico*. Rio de Janeiro: editora 34, 1993.

WOLTON, Dominique. *O elogio do grande público – uma teoria crítica da televisão*. São Paulo: Ática, 1996.

- *Sites pesquisados*

*allTV*

(Informações diversas)

<http://www.alltv.com.br> – acesso em 05/4/2005 às 16h32.

[http://www.alltv.com.br/site/content/sobre/sobre\\_alltv.php](http://www.alltv.com.br/site/content/sobre/sobre_alltv.php) - acesso em 05/4/2005 às 16h44.

*Assesotec Teleprompter*

(O que é teleprompter?)

<http://www.assesotecteleprompter.com.br/produtos.htm> - acesso em 19/4/2005 às 16h40.

*A TV invade a Internet*

(Antonio Brasil)

[http://www.videotexto.tv/ab\\_tv\\_invade\\_internet.html](http://www.videotexto.tv/ab_tv_invade_internet.html) - acesso em 23/2/2005 às 10h11.

*Clickz Network*

(texto “Nearly 3 Million Online in Brazil”)

[http://www.clickz.com/stats/big\\_picture/geographics/article.php/150521](http://www.clickz.com/stats/big_picture/geographics/article.php/150521) - acesso em 17/3/2005 às 19h15.

<http://www.clickz.com/stats/sectors/geographics/article.php/2205881> - acesso em 17/3/2005 às 19h21.

*História da Internet e Órgãos de Coordenação*  
(Erik Fonseca e Ênia Sampaio)

<http://www.dcc.ufmg.br/~mlbc/cursos/internet/historia/#Introducao> – acesso em 13/3/2005 às 11h42.

<http://www.dcc.ufmg.br/~mlbc/cursos/internet/historia/Brasil.html> - acesso em 13/3/2005 às 14h31.

*Internet Systems Consortium*  
(Pesquisas e estatísticas sobre Internet)

<http://www.isc.org/index.pl?/ops/ds/> - acesso em 17/3/2005 às 19h48.

*Internet.gov.pt*  
(O que é a banda larga)

[http://www.internet.gov.pt/oque\\_bl/index.asp](http://www.internet.gov.pt/oque_bl/index.asp) - 06/4/2005 às 16h44.

*Maxpressnet*  
(Informações diversas)

<http://www.maxpressnet.com.br/NS/maxdicas-noticia.asp?SECAO=MA&SQ=4880> - acesso em 05/4/2005 às 16h41.

*Nua's Index of Net Surveys*  
(Pesquisas e estatísticas sobre Internet)

<http://www.nua.ie/surveys/> - acesso em 17/3/2005 às 20h11.

*Portal Terra*  
(Informações diversas)

<http://tv.terra.com.br> - acesso em 01/3/2005 às 14h45.

<http://www.terra.com.br/exclusivo/noticias/2001/10/25/039.htm> - acesso em 05/4/2005 às 16h02.

*Rede Globo Minas*  
(História do programa MGTV)

<http://redeglobo6.globo.com/GMinas/0,23716,VHH0-3405,00.htm> - acesso em 24/3/2005 às 09h05.

*Statistics Divisions*  
(Estatísticas da Organização das Nações Unidas -ONU)

[http://unstats.un.org/unsd/mi/mi\\_series\\_results.asp?rowID=605](http://unstats.un.org/unsd/mi/mi_series_results.asp?rowID=605) - acesso em 17/3/2005 às 18h23.

*Tudo sobre TV*  
(Maurício Valim / apoio em pesquisa de Soraya Costa)

<http://www.tudosobretv.com.br/historia/historbr.htm#> - acesso em 14/3/2005 às 10h43.

## ANEXOS

The screenshot displays the Terra website interface. At the top, there is a navigation bar with the Terra logo, the text "jornal do terra" and "ao vivo", and "TV Terra 4 anos". A "PATROCINADO POR:" section features the Ford logo. Below the navigation bar, there are two main sections: a live stream player and a chat window.

The live stream player shows a "Ao vivo: Jornal do Terra" window with a colorful logo and the word "terra". Below the video, there are playback controls (play, pause, stop, volume) and a "REAL PLAYER" button. The status bar indicates "Clipe: Tv Terra" and "02:10".

The chat window is titled "Chat" and "Últimas Notícias". It contains a form with the following fields and options:

- Form: "Digite seu nome:" with an input field.
- Form: "Escolha sua sala:" with a dropdown menu showing "Jornal do Terra (10)".
- Form: A checked checkbox labeled "Se estiver cheia, entrar em outra sala de mesmo nome".
- Buttons: "ENTRAR" and "VISITAR".

Below the chat form, there is a section titled "Como funciona?" with the following text:

- Cada sala tem capacidade para 40 pessoas e todos podem conversar entre si
- Se quiser, entre como visitante e acompanhe a conversa sem participar

At the bottom of the page, there are two sections:

- Veja também**
  - » [Assine o boletim Jornal do Terra](#)
  - » [Capa de Notícias](#)
  - » [Últimas notícias](#)
- Neste programa**
  - D. Claudio Hummes desembarca em Roma e defende Lula
  - Fale com a TV Terra
  - » [Dê sua opinião sobre esta transmissão](#)

On the right side of the page, there is a vertical advertisement for "Nova Fordranger" featuring a car and the text "Você encarando de frente." and "PICK-UP RACA FORTE".

Figura 1: Janela a partir da qual é exibida a programação da TV Terra.



*Figura 2: A apresentadora Maria Lins no cenário do Jornal do Terra.*



*Figura 3:* Recurso gráfico estático utilizado durante a participação da repórter.



Figura 4: Janela a partir da qual é exibida a programação da allTV.



*Figura 5: Apresentadores no cenário do Jornal Interativo.*



*Figura 6: Amanda Klein anuncia a participação do web repórter Rafael Vinhas*